

# RECEPÇÃO DA LITERATURA EM LÍNGUA ALEMÃ DO EXÍLIO NOS PAÍSES DE ORIGEM DOS EXILADOS APÓS O TÉRMINO DO REGIME NAZISTA NA ALEMANHA E NA ÁUSTRIA<sup>1</sup>

Izabela Maria Furtado Kestler (UFRJ)

## Recepção na Alemanha Ocidental:

### 1.1.- Considerações sobre a Alemanha do pós-guerra:

Com a capitulação do exército alemão após a invasão das tropas aliadas, inicia-se o período de ocupação e de divisão da Alemanha em quatro zonas de ocupação segundo as diretrizes da Conferência de Londres de 12 de setembro de 1944: A zona de ocupação soviética na região leste, a britânica na noroeste, a francesa no sudoeste e a americana no sul. Além disso, a capital Berlim tinha um status especial, ou seja, foi dividida em quatro setores entre as quatro potências de ocupação.

Não cabe aqui traçar o quadro de destruição, desolação e caos administrativo, político e econômico que imperavam na Alemanha como um todo após o fim do regime nazista e a derrota na II Guerra Mundial. Basta lembrar que todas as grandes cidades alemãs (Frankfurt, Berlim, Colônia, Hamburg por exemplo) estavam 75% destruídas em consequência dos intensos bombardeios das forças aéreas aliadas, assim como as regiões industriais (Região do Ruhr por exemplo).<sup>2</sup>

Na Conferência de Potsdam, realizada de 17 de julho a 2 de agosto de 1945, as três principais potências de ocupação (EUA, Inglaterra e União Soviética), às quais a França adere a 4 de agosto, decidem implementar na Alemanha ocupada os seguintes planos: desmilitarização; desnazificação; democratização e descentralização do país, cujo território no entanto deveria continuar sendo considerado como "unidade econômica"; exigência do pagamento de reparações de guerra a serem debitadas da produção industrial alemã, desmontagens de fábricas e complexos industriais nas respectivas zonas de ocupação assim como confiscos das reservas monetárias alemãs no exterior; regiões a leste da linha Oder-Neisse (formada pelos rios de mesmo nome) passam ao controle administrativo soviético e polonês; expatriação da população alemã da Polônia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, Hungria; o Conselho dos Ministros do Exterior das quatro potências recebe

---

<sup>1</sup> - Este trabalho apresenta o relatório final de uma pesquisa individual realizada por mim de 1993 a 1995. O resumo desta pesquisa foi publicado em: Forum Deutsch. Revista brasileira de estudos germânicos. Org. Colin B. Grant & Georg Otte. Vol. I (1996), Nr. 1. p. 67-82.

<sup>2</sup>- Ver por exemplo: "Die Entstehung der Bundesrepublik Deutschland". Information zur politischen Bildung. Editado por Bundeszentrale für politische Bildung. Bonn, 1983. Nr. 157.; GROSSER, Alfred: *Geschichte Deutschlands seit 1945. Eine Bilanz.* Stuttgart, DTV, 4.Ed., 1976; BENZ, Wolfgang: *Deutschland seit 1945. Entwicklungen in der Bundesrepublik und in der DDR. Chronik, Dokumente, Bilder.* Munique, Moos, 1990.

a incumbência de preparar um tratado de paz com a Alemanha e com os países aliados desta e se ocupar da administração e governo da Alemanha e das questões ligadas às reparações de guerra.

É importante mencionar aqui que com o declínio enorme da produção industrial (em 1946 esta alcançou apenas 33% do nível atingido em 1936)<sup>3</sup>, havia fome generalizada assim como falta de moradias e de emprego. Tais fatos eram agravados também com a vinda em massa de cerca de 12 milhões de refugiados das regiões leste e dos países do leste europeu, expatriados conforme diretiva da Conferência de Potsdam.

Completando o panorama de ruína quase que total, nestes primeiros anos de ocupação com a libertação dos campos de concentração e das prisões os alemães viram-se confrontados finalmente com os horrores praticados pelo regime nazista: a política de extermínio dos judeus, os crimes de guerra nos países ocupados pelas tropas alemãs durante a II Guerra e o aprisionamento e assassinato de inimigos políticos do regime nazista. A partir da exposição destes horrores, "o mundo exterior passou a ver os alemães como a personificação do mal".<sup>4</sup> A ruína do país como um todo veio assim acompanhada da ruína moral.

Não cabe aqui traçar um painel completo e exaustivo da história alemã do pós-guerra, que passa a ser determinada em grande medida pelas políticas e sobretudo pelos conflitos entre as potências vencedoras da II Guerra, em especial a guerra fria entre a União Soviética e os Estados Unidos. É importante no entanto abordar a questão da divisão das Alemanhas e traçar em linhas gerais o contexto histórico em que esta divisão passa a vigorar a partir de 1949.

Desde o início da ocupação em 1945, começam a se delinear as divergências políticas e sobretudo de política econômica entre os EUA, França e Inglaterra de um lado e a União Soviética de outro. Enquanto que os EUA e seus pares perseguiram uma política de inclusão da Alemanha no contexto capitalista ocidental, no intuito de transformar a Alemanha em contrapeso na Europa Central à expansão soviética na Europa oriental, a União Soviética pretendia que a Alemanha se tornasse um país neutro, uma espécie de estado-tampão, entre sua zona de influência na Europa oriental e os países europeus ocidentais. A divisão entre as Alemanhas começa a se delinear no horizonte já a partir de 1948 quando é decretada a reforma monetária nas zonas ocidentais, e nos setores ocidentais de Berlim, o que vai provocar o bloqueio soviético da cidade de Berlim de junho de 1948 a maio de 1949, que passa a receber suprimentos de toda espécie pela ponte aérea organizada pelos EUA. Ainda em 1948 as potências ocidentais recomendam na Conferência de Londres (6.3.1948) a cooperação conjunta das três potências ocidentais na Alemanha, a implantação de um regime político federativo e a participação da Alemanha no Plano Marshall de recuperação econômica e de reconstrução da Europa ocidental. No dia 8 de maio de 1949

---

<sup>3</sup>- "Die Entstehung der Bundesrepublik Deutschland..." p. 9.

<sup>4</sup>- Id.Ibid. p.9.

entra em vigor a nova constituição alemã ocidental de caráter parlamentarista. Em agosto do mesmo ano ocorrem as eleições gerais para o primeira legislatura do pós-guerra. Com a vitória do partido democrata-cristão, seu candidato a primeiro-ministro, Konrad Adenauer, assume o governo do novo país, República Federal da Alemanha. No dia 10 de outubro de 1949 é fundada a República Democrática Alemã na área de ocupação soviética, governada a partir daí pelo partido socialista unificado da Alemanha (SED - Sozialistische Einheitspartei Deutschlands) sem que no entanto eleições gerais tivessem ratificado a escolha deste partido pela população.

**"Com a transição de poder das tropas de ocupação soviética para o regime do partido socialista unificado realizou-se após a constituição da República Democrática Alemã a transição de um regime de ocupação autoritário para uma ditadura de partido único abertamente totalitária."<sup>5</sup>**

As Alemanhas tornam-se a partir de 1949 o palco privilegiado do jogo maniqueísta da Guerra Fria. Neste jogo incluem-se a construção do muro de Berlim a 13 de agosto de 1961 e o conseqüente fechamento das fronteiras entre os dois países, a instalação de mísseis nucleares de curto alcance pelas potências EUA e União Soviética respectivamente na Alemanha Ocidental e na Alemanha Oriental, o anti-comunismo virulento na Alemanha Ocidental nos anos 50 e 60, assim como a acentuação do caráter totalitário do socialismo praticado na Alemanha Oriental, o alinhamento político e econômico irrestrito de ambos os países às respectivas esferas ocidental e oriental e sobretudo o aprofundamento do abismo político, econômico e social entre ambos os países alemães que perdurou até a queda do muro de Berlim a 9 de novembro de 1989 e a reunificação formalizada a 3 de outubro de 1990. O fim da separação entre as duas Alemanhas só se tornou possível com a liberalização política e econômica empreendida na União Soviética, ou seja, a partir do término da Guerra Fria.

## **2.2- O 8 de maio de 1945 ou o fim da emigração: A questão do retorno dos escritores exilados para a Alemanha Ocidental**

**"Uma vez emigrante, sempre emigrante". (Ludwig Marcuse-escritor alemão)**

**"Teoricamente a emigração terminou com o 8 de maio, pois não havia mais razão nenhuma para os emigrantes não retornarem. Hitler estava morto. O nacional-socialismo parecia ter praticamente desaparecido de um dia para o outro. A situação política no entanto não se apresentava de uma forma que permitisse o retorno dos emigrantes mesmo que**

---

<sup>5</sup>- "Geschichte der DDR". Informationen zur politischen Bildung. Editado pela Bundeszentrale für politische Bildung, Bonn. 2º trimestre 1991, p. 10.

quissem voltar imediatamente à Alemanha. (...) Se já era difícil para os alemães mudar de uma zona de ocupação para outra, ter permissão para se reinstalar em outro lugar, conseguir permissão para trabalhar, receber cartões de racionamento, no caso dos emigrantes as dificuldades com os órgãos públicos ainda nos países de asilo eram muito maiores, pois em muitos casos tinham adquirido a nacionalidade destes países. Assim os primeiros emigrantes retornaram para a Alemanha como membros dos exércitos de ocupação, com o uniforme dos ocupantes e vencedores, muitas vezes com patentes de oficiais. Com isso reforçavam os ressentimentos já existentes, aumentavam a desconfiança daqueles que haviam permanecido na Alemanha e que eram considerados nacional-socialistas."<sup>6</sup>

Mertz já aponta aqui dois fatos importantes: 1- a questão da reintegração da cidadania alemã; 2- a política das potências aliadas em relação aos que queriam retornar à Alemanha. A primeira questão era a mais delicada, pois todos os escritores exilados assim como os exilados de um modo geral, incluindo-se aí membros de partidos políticos perseguidos, e judeus alemães, haviam sido expatriados durante o III Reich.

"De 1933 a 1945 o governo nacional-socialista expatriou no total 39.006 emigrantes alemães, cujos nomes eram publicados no *Diário Oficial Alemão e Diário Estadual Prussiano*. Base jurídica para tanto era o &2 da "Lei de revogação de naturalizações e da cassação da nacionalidade alemã" de 14 de julho de 1933. Segundo a lei, poderiam ter sua nacionalidade individualmente cassada os alemães que vivessem no exterior (...) ou que preenchessem dois pressupostos: aqueles que 'através de sua conduta infringissem seus deveres de fidelidade ao Reich e ao povo prejudicando os interesses alemães' ou aqueles que ignorassem uma intimação do Ministério do Interior de retornar ao país".<sup>7</sup>

Além destes 39.006 emigrantes, que individualmente tiveram cassadas a nacionalidade alemã, todos os judeus alemães de um modo geral, tanto aqueles que viviam na Alemanha quanto aqueles que haviam emigrado, tiveram a nacionalidade cassada, sobretudo entre 1939 e 1941. Ou seja, neste caso ocorreu uma expatriação em massa por critérios racistas. A expatriação vinha acompanhada também de penas acessórias, que agravavam a pena principal:

---

6- MERTZ, Peter: *Und das wurde nicht ihr Staat. Erfahrungen emigrierter Schriftsteller mit Westdeutschland*. Munique, Verlag C. H. Beck, 1985. p. 30-31.

7- LEHMANN, Hans Georg: "Wiedereinbürgerung, Rehabilitation und Wiedergutmachung nach 1945. Zur Staatsangehörigkeit ausgebürgerter Emigranten und Remigranten", In: *Exil und Remigration. Exilforschung. Ein Internationales Jahrbuch*. Editado por Claus-Dieter Krohn, Erwin Rotermund, Lutz Winckler e Wulf Koepke por encomenda da Gesellschaft für Exilforschung/Society for Exile Studies. Munique, Edition Text+Kritik, 1991, Vol. 9. p. 90.

1. Os *bens* dos expatriados podiam ser seqüestrados e finalmente confiscados em favor do Reich. Frequentemente era este o motivo implícito para a cassação da nacionalidade de judeus abastados.

2. A expatriação poderia ser estendida a *membros da família*; cônjuges e filhos, inclusive filhos adotados. Esta instituição nacional-socialista da 'responsabilidade solidária da família pela conduta de seus membros' foi aplicada rigorosamente - até em relação a bebês.

3. *Graus acadêmicos* poderiam ser cassados dos emigrantes expatriados, pois como 'traidores da pátria' não eram considerados dignos de portar um título de doutor ou um diploma. Mesmo professores e cientistas renomados tiveram seus títulos cassados pelas universidades nas quais os haviam adquirido.

4. Os emigrantes expatriados e os membros de suas famílias eram excluídos do *direito de herança*. (...)

5. *Expectativas de direito de assistência social*, sobretudo aposentadorias e pensões, eram consideradas extintas.(...)

6. A expatriação valia como *pena criminal*: era publicada no registro penal e em princípio não podia ser anulada."<sup>8</sup>

Isto significa que todos os emigrantes eram apátridas, desde que não tivessem adquirido a nacionalidade de seus países de asilo. Por trás desta afirmação pode-se depreender a tragédia do exílio, principalmente se se levar em conta que a expatriação durante o exílio teve conseqüências terríveis para os atingidos.

"Em quase todos os países e em todas as épocas refugiados políticos apátridas são indesejáveis."<sup>9</sup>

Além disto, pode-se concluir também desta listagem fria de parágrafos jurídicos: os emigrantes de um modo geral eram considerados durante o III Reich criminosos, traidores da pátria e inimigos do povo e do país. A par da expatriação os emigrantes eram constantemente difamados na imprensa nazista, sobretudo aqueles que em seus respectivos países de asilo atuavam na imprensa do exílio na contra-propaganda ao nacional-socialismo ou em organizações antifascistas. É tristemente famoso o epíteto lançado por Josef Goebbels, Ministro da Propaganda durante o III Reich, que ao se referir aos escritores exilados, denominou-os de "cadáveres em férias". Neste contexto é importante mencionar a queima ritual dos livros de autores considerados "indignos", "não-alemães" (neste caso judeus alemães), "imorais", "decadentes" (neste caso autores da modernidade), e outras qualificações do mesmo teor, ocorrida a 10 de maio de 1933. <sup>10</sup> Segundo Herbert E. Tutas, tais difamações "tinham uma função de

---

<sup>8</sup>- Id. Ibid. p. 91-92.

<sup>9</sup>- TRAPP, Frithjof: "Logen- und Parterreplätze. Was behinderte die Rezeption der Exilliteratur?", In: WALBERER, Ulrich (Org.): *10.Mai 1933. Bücherverbrennung in Deutschland und die Folgen*. Frankfurt, Fischer Taschenbuch Verlag, 1983. p. 254.

<sup>10</sup>- Entre outros: WULF, Josef: *Literatur und Dichtung im Dritten Reich*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt Verlag, 1966; WALBERER, Ulrich (Org.): op.cit.

consolidar o regime interna e externamente de grande relevância para os detentores do poder no 'Terceiro Reich'".<sup>11</sup>

"A projeção de todas as atitudes e juízos de valor negativos sobre o exílio e a difamação desenfreada deste exílio deveria impossibilitar qualquer tipo de identificação com as idéias e objetivos políticos e espirituais que o exílio personificava e representava, assim como impedir qualquer atitude oposicionista ao nacional-socialismo, e isto significa também impedir qualquer alternativa a ele. O exílio tornou-se para a propaganda nacional-socialista um meio essencial para a involução da conscientização política".<sup>12</sup>

Ainda conforme Tutas:

"Segundo a ideologia nacional-socialista, que eleva a nação a um valor absoluto, a fuga para o exterior não é nada senão a confirmação de uma quebra da fidelidade à nação. Partindo-se desta censura, a identificação de todo tipo de atitude considerada indesejável com a 'emigração' foi apenas um pequeno passo. Tal esquema de identificação foi utilizado amplamente com intuito propagandístico, o qual, para ser o mais efetivo possível pressupõe sempre um público acrítico, que passou a considerar a emigração como um fato infamante e desonroso".<sup>13</sup>

Estas considerações de Herbert Tutas são de suma importância para ilustrar o contexto histórico durante e após o nacional-socialismo. A este tema volto mais adiante.

A política das potências aliadas ocidentais no tocante ao retorno dos exilados foi desde o início bastante restritiva. Comentando o caso dos escritores exilados, escreve Jost Hermand:

"Para as três zonas os escritores exilados não poderiam retornar imediatamente, mesmo se quisessem, a não ser que voltassem como membros uniformizados dos exércitos de ocupação aliados, como (Alfred) Döblin, (Hans) Habe, (Stephan) Heym, (Hans) Wallenberg e Golo Mann. Ainda nos anos de 1946 e 1947 era excepcionalmente difícil se obter um visto de entrada para qualquer das três zonas.(...) O pedido de autorização de permanência em Munique, pedido por Brecht, por exemplo, foi sumariamente indeferido."<sup>14</sup>

O caso de Bertolt Brecht e de outros escritores que retornaram a serviço do Programa de Reeducação (Reeducationprogramm) dos exércitos

---

<sup>11</sup>- ROLOFF, Gerhard: *Exil und Exilliteratur in der deutschen Presse 1945-1949. Ein Beitrag zur Rezeptionsgeschichte*. Worms, Verlag Georg Heintz, 1976. p. 79.

<sup>12</sup>- TUTAS, Herbert: *NS-Propaganda und deutsches Exil 1933-1939*. Worms, Verlag Georg Heintz, 1973. p. 102.

<sup>13</sup>- TUTAS, Herbert: Nationalsozialismus und Exil. Aspekte zum Stellenwert des Exils in der nationalsozialistischen Politik, In: Akzente. Zeitschrift für Literatur. Ano 20, Caderno 6, Dezembro 1973, p. 576.

<sup>14</sup>- HERMAND, Jost: "Der geteilte Himmel. Exilliteratur im Verlagsprogramm der vier Besatzungszonen (1945-1949)", In: SCHERPE, Klaus & WINCKLER, Lutz (Org.): *Frühe DDR-Literatur. Traditionen, Institutionen, Tendenzen*. Berlin, Hamburg, Argument-Verlag, 1988. p. 15.

de ocupação norte-americano, francês ou britânico são casos isolados, mas que no entanto ilustram o conjunto de dificuldades encontradas por todos os que de seus respectivos países de asilo, ainda apátridas ou já de posse de outra nacionalidade, pretendiam retornar à Alemanha ocidental.

Todo um complexo de leis de reintegração da nacionalidade, de reabilitação de direitos civis, de reparações a serem pagas aos perseguidos pela ditadura nazista foi instituído pelas potências aliadas ocidentais em conjunto com os parlamentos estaduais alemães, sendo que a mais importante é a Lei do Conselho de estados alemães de 2 de dezembro de 1947. Contrariamente ao que o Conselho de Controle (Kontrollrat) dos aliados havia disposto, ou seja, que a lei de expatriação nazista era juridicamente inválida e que portanto todo aquele que quisesse reaver a nacionalidade alemã teria direito de fazê-lo sem ter que passar por instâncias burocráticas, a Lei do Conselho de estados alemães supra-citada não declara a lei de expatriação como inválida e só permitia a reintegração da nacionalidade após o estudo dos requerimentos pelo secretário do interior do estado para o qual o requerente pretendia retornar. Ou seja, cada pedido tinha que passar por várias instâncias burocráticas e nele o requerente tinha que declarar por exemplo em quais cidades alemães desde seu nascimento havia morado. Cada requerimento então era submetido às autoridades locais, prefeitura, polícia, que investigavam rigorosamente se o requerente por exemplo tinha uma folha de antecedentes criminais.

"Em outras palavras: Depois que o regime nazista havia-lhes cassado a nacionalidade alemã, a burocracia reservava-se o direito de decidir após investigações degradantes quem poderia voltar a ser alemão."<sup>15</sup>

A situação legal só muda com a nova constituição alemã de 1948, cujo artigo 116, parágrafo 2, possibilita em tese a reintegração da nacionalidade sem entraves burocráticos. Só que como observa Hans Georg Lehmann, nem sempre a teoria e a práxis constitucionais se harmonizam. Neste caso, em várias secretarias do interior de estados alemães ocidentais as regras de reintegração da nacionalidade foram aplicadas de forma restritiva.

Todo esse vaivém burocrático explica-se somente considerando-se o pano de fundo no qual ele ocorre. A possibilidade de retorno dos exilados, fossem eles escritores ou não, estava sobredeterminada por dois fatores de grande relevância para o tema da pesquisa: 1- a visão do exílio por parte dos alemães era de um modo geral bastante negativa, configurando um esquema de continuidade com a visão do exílio durante a época nazista, analisada acima por Herbert Tutas, ou seja, o exílio era visto como "deserção" e "covardia", sobretudo no caso dos exilados por razões políticas<sup>16</sup>; 2- a capitulação do exército nazista, o fim da guerra e por conseguinte da

---

15. LEHMANN, Hans Georg: op.cit. p. 95.

16. FOITZIK, Jan: "Politische Probleme der Remigration", In: Exil und Remigration. Exilforschung. Ein Internationales Jahrbuch. Editado por Claus-Dieter Krohn, Erwin Rotermund, Lutz Winckler e Wulf Koepke por encomenda da Gesellschaft für Exilforschung/Society for Exile Studies. Munique, Text+Kritik, 1991. Vol.9.p. 106.

ditadura nazista eram percebidos pelos alemães de um modo geral como catástrofe e não como libertação.

"A questão do problema do retorno foi um dos aspectos mais discutidos na imprensa. É extremamente significativo que a questão do retorno tenha se apresentado como problema. Como grande parte da população havia se identificado com a tirania do fascismo, os emigrantes após 1945 não eram vistos como inimigos de alguns poucos detentores do poder nazistas, agora derrubados, mas sim na consciência de muitos, que haviam absorvido a propaganda nazista, ainda eram considerados 'inimigos da Alemanha', sobretudo porque o retorno deles estava ocorrendo em consequência de vitórias militares e não de uma auto-libertação."<sup>17</sup>

A atitude das potências de ocupação em geral em relação à população alemã era determinada em grande medida pela convicção de que todo o povo alemão seria culpado, ou seja, de que a principal característica do povo alemão seria o instinto inato para a violência e para a guerra. Não cabe aqui referir todos os autores que escreveram sobre este tema durante e principalmente depois da guerra sob o impacto da divulgação dos horrores praticados nos campos de concentração nazistas. Um dos que preconizavam com mais veemência a tese da culpa coletiva era o ministro das finanças norte-americano, Henry Morgenthau Jr. que em seu livro *Germany is our problem*<sup>18</sup> escreveu que a fúria expansionista alemã seria o maior perigo para a paz mundial. Os exilados, por sua vez, sobretudo os que estavam asilados nos EUA, escreveram e publicaram artigos e livros sobre o tema da culpa, rechaçando em sua maioria no entanto a tese da culpa coletiva.<sup>19</sup> Esta tese, como mencionado acima, serviu de embasamento para os programas de desnazificação das tropas aliadas ocidentais. No caso da área ocupada pelas potências ocidentais, tal programa, direcionado pela Diretiva JCS 1067 do comando militar norte-americano, transformou a necessária desnazificação numa ação policial, que consistia entre outras coisas no preenchimento de questionários que supostamente iriam identificar os criminosos principais, os membros do partido nazista, os colaboradores e os inocentes. Uma maré de denúncias fundamentadas ou infundadas assim como processos individuais (quase 3,6 milhões) tiveram na verdade um efeito negativo e desmoralizante.

"As reações obstinadas a isto tudo foram bastante visíveis e se mostraram de formas variadas: a- na bagatelização dos crimes, b- na autojustificativa e no não-reconhecimento da culpa, c- na comparação

---

<sup>17</sup>- ROLOFF, Gerhard: op.cit. p. 129-130.

<sup>18</sup>- Londres, Nova Iorque, 1945.

<sup>19</sup>- Ver: KOEBNER, Thomas: "Die Schuldfrage. Vergangenheitsverweigerung und Lebenslügen in der Diskussion 1945-1949", In: KOEBNER, T.: *Unbehauste: zur deutschen Literatur in der Weimarer Republik, im Exil und in der Nachkriegszeit*. Munique, Edition Text+Kritik, 1992. p. 322. Entre outros: KAHLER, Erich: *Das Problem Deutschland* (1944), In: KAHLER, E.: *Die Verantwortung des Geistes*. Frankfurt am Main, Fischer Verlag, 1952. p. 92-116.

entre os crimes cometidos pelos alemães e as faltas e delitos dos aliados, d- até mesmo na defesa das conquistas do III Reich e na guerra (elogio aos soldados alemães), distinguindo-as dos atos óbvios de barbárie. Não surpreende portanto que alguns até levantaram a voz para pedir perdão e condescendência para os nazistas perseguidos, tendo por base em parte a caridade cristã."<sup>20</sup>

"Preferia-se ocupar um cargo na administração pública, na justiça e na economia com um *expert nazista* do que com um emigrante que tivesse a reputação de ter colaborado com os comunistas".<sup>21</sup>

Dentro deste contexto de culpa não admitida, o início da Guerra Fria entre as potências ocidentais, em primeiro plano os EUA, e a União Soviética, contribuiu para que o debate em torno deste tema fosse aos poucos sendo relegado ao esquecimento. Quando foi proclamada pelo comando norte-americano a luta contra o comunismo, "a visão de mundo dos alemães retornou ao seu eixo."<sup>22</sup> Ainda segundo Dybowski:

"A guerra fria pareceu confirmar a distância em relação à emigração, pois a atitude anticomunista da época nazista recebeu aprovação através do conflito leste-oeste".<sup>23</sup>

Mertz secunda:

"O lugar do judeu, inimigo de sangue, é ocupado pelo inimigo econômico, o comunista".<sup>24</sup>

A constituição da República Federal da Alemanha, em 1949, e a conseqüente divisão da Alemanha em dois Estados baseados em sistemas econômicos, políticos e sobretudo ideológicos contrários - de um lado a restauração do sistema capitalista, a democracia parlamentarista e como sistema ideológico principal o anticomunismo e de outro um Estado socialista, dirigido por um partido único centralizado, a economia planejada e como divisa ideológica as idéias comunistas - fez com que muitos exilados, que acreditavam numa reconstrução de um país melhor baseado em tradições humanistas, desistissem de retornar à Alemanha Federal. A "outra Alemanha", pela qual tinham lutado no exílio, continuou sendo só uma utopia. Após 1949, com a restauração, o milagre econômico, a remilitarização, o anticomunismo e a reabilitação de ex-nazistas afastou mais ainda aqueles que tinham uma outra visão de Alemanha.

"Os escritores exilados condenaram aquela continuidade de modelos de pensamento, que haviam funcionado tão bem no III Reich e que

---

<sup>20</sup>- KOEBNER, Thomas: op.cit. p. 323. A questão da culpa e de seu recalque foi analisada em termos psicológicos magistralmente na seguinte obra: MITSCHERLICH, Alexander & Margarete: *Die Unfähigkeit zu trauern. Grundlagen kollektiven Verhaltens*. 22ª Edição, Munique, Zürich, Piper Verlag, 1991.

<sup>21</sup>- MERTZ, Peter: op.cit. p. 106.

<sup>22</sup>- DYBOWSKI, Andreas. *Endstation, Wartesaal oder Schatzkammer für die Zukunft. Die deutsche Exilliteratur und ihre Wirkung und Bewertung in der westdeutschen Nachkriegsrepublik*. Frankfurt a.M., Bern, Paris, New York, Peter Lang Verlag, 1989. p. 133.

<sup>23</sup>- Id.Ibid.. p. 216.

<sup>24</sup>- MERTZ, Peter: op.cit. p. 107.

permaneceram vivos na República Federal durante os anos 50 e 60, aquela auto-ilusão tão característica da política alemã desde 1870, que conduziu à superestimação nacionalista e que obstruiu a visão da realidade. Com decepção e amargura constataram que os leitores preferiam os escritores da "emigração interior" que haviam ficado no país e que eles, como emigrantes tinham agora que justificar o que haviam feito no exílio pela Alemanha."<sup>25</sup>

Além disso, nenhum governo, nem na época de Konrad Adenauer, primeiro chanceler após 1949, nem "sob Erhard ou Kiesinger chama os escritores, pintores, músicos, atores e atrizes e cientistas emigrados de volta."<sup>26</sup> Tal fato explica-se pelo aumento da suspeita em relação aos exilados correspondendo à escalada do anticomunismo durante a fase inicial da guerra fria.

"Calcula-se que do grupo de judeus alemães emigrados no total cerca de 3 a 4% retornaram à Alemanha. Existem números aproximados também para alguns grupos profissionais: assim cerca de 20 a 25% de escritores retornaram, e cerca de um terço dos cientistas emigrados."<sup>27</sup>

"Desnazificação de simples membros do partido nazista, anistia dos colaboradores na administração pública e na economia ajudaram a relegar ao esquecimento os crimes da época nazista. O 'milagre econômico' nos anos 50 reforçou a auto-confiança dos alemães ocidentais. Segundo Imanuel Geiss a República Federal da Alemanha e o Japão foram os países que mais lucraram com o chamado 'boom coreano'. Ao contrário da questão dos campos de concentração, do extermínio dos judeus e talvez da guerra no front ocidental, a invasão à União Soviética e os 20 milhões de mortos na União Soviética não eram considerados por muitos cidadãos alemães ocidentais como um crime. A política do pós-guerra dos norte-americanos ainda antes da fundação da República Federal parecia justificar a posteriori a guerra contra a União Soviética. Com a remilitarização e a entrada na OTAN, o 'anticomunismo' oficial tornou-se doutrina do Estado".<sup>28</sup>

Além disto, pôde-se constatar em 1951 que os programas de desnazificação e reeducação dos aliados ocidentais haviam surtido pouquíssimos efeitos. Uma pesquisa de opinião realizada naquele ano na Alemanha Federal fez a seguinte pergunta aos entrevistados:

"Segundo a sua opinião quando neste século a Alemanha esteve melhor? 45% da população respondeu que foi durante o império [do início do século até 1918] e 40% se decidiram pela primeira época do nacional-socialismo, ou seja de 1933 a 1938. E quando perguntados qual havia sido pior época para a Alemanha, 70% apontaram os anos

---

<sup>25</sup>- Id.Ibid. p. 9.

<sup>26</sup>- Id.Ibid. p. 215.

<sup>27</sup>-FOITZIK, Jan: op.cit. p. 107.

<sup>28</sup>- DYBOWSKI, Andreas: op.cit. p. 142. O ensaio de Imanuel Geiss citado por Dybowski é: "Die aussen- und weltpolitischen Rahmenbedingungen", In: BÄNSCH, Dieter: *Die fünfziger Jahre*. Tübingen, 1985.

de 1945 a 1948, ou seja aquela época do pós-guerra de miséria econômica, desnazificação e de novas possibilidades. Exatos 8% foram de opinião de que a pior época fora aquela da guerra, de 1939 a 1945. Estes números expressam uma evolução terrível para a situação política da jovem democracia, pois 85% da população havia votado por um regime autoritário."<sup>29</sup>

Segundo uma outra pesquisa de opinião, realizada em 1961, que avaliou a questão da culpa pelo extermínio dos judeus, 88% dos alemães declararam que não se sentiam culpados pelo extermínio e somente 8% declararam-se culpados.

"Importante nestes números não é o fato de uma esmagadora maioria ter negado uma culpa individual. Faltou a consciência e a vontade de reparar as injustiças em relação aos perseguidos e aos emigrantes. Tal fato a par da evolução política contribuiu decisivamente para que somente poucos emigrantes tenham procurado e encontrado uma pátria na Alemanha Ocidental."<sup>30</sup>

### 2.3- A questão do retorno dos escritores

No caso dos escritores exilados, percebe-se segundo Hans Mayer que estes nunca se ocuparam com o fenômeno dos escritores da assim chamada emigração interna, pois julgavam os acontecimentos na Alemanha a partir de uma perspectiva falsa: acreditavam na existência de uma resistência antifascista forte em luta contra o sistema totalitário e muitos acreditavam também na suposta impermeabilidade ideológica da classe operária aos apelos ideológicos do nacional-socialismo.

"Dessa forma se iludiam duplamente: com o antifascismo e com a solidez dos colaboradores ideológicos do nacional-socialismo".<sup>31</sup>

Exemplo clássico do estranhamento profundo entre escritores exilados e escritores que permaneceram na Alemanha, e que por não serem publicamente nazistas nem terem escrito obras ideologicamente comprometidas com o nacional-socialismo, se autodenominavam pomposamente de "emigrantes internos", é a tristemente famosa controvérsia entre Thomas Mann de um lado e Walter von Molo e Frank Thiess de outro, ocorrida entre 1945 e 1946. Tal controvérsia merece ser referida aqui detalhadamente, pois ela determinou em grande medida a recepção do exílio e da literatura do exílio nas zonas de ocupação ocidental a partir de 1945.

Walter von Molo enviou uma carta a Thomas Mann, publicada no "Münchener Zeitung" a 13 de agosto de 1945, conclamando-o a retornar a

---

<sup>29</sup>- MERTZ, Peter: op.cit. p. 97.

<sup>30</sup>- DYBOWSKI, Andreas: op.cit. p. 142.

<sup>31</sup>- MAYER, Hans: "Konfrontation der inneren und der äusseren Emigration: Erinnerung und Deutung", In: HERMAND, Jost & GRIMM, Reinhold (Org.): *Exil und innere Emigration*. Third Wisconsin Workshop. Frankfurt am Main, Athenäum Verlag, 1972. p. 80.

**Alemanha. Inicialmente Thomas Mann parece não ter pretendido responder à carta de Walter von Molo. Entretanto, é publicado no dia 18 de agosto de 1945 um artigo de Frank Thiess, denominado "Die innere Emigration" ( A emigração interna), no qual este se desdobra em expor a existência de uma comunidade de escritores que teriam se mantido fiéis à Alemanha e sobretudo conseguido manter um espaço interno nunca conquistado pelo nacional-socialismo:**

**"Já me perguntaram muitas vezes porque não emigrei e a resposta sempre foi a mesma: Se eu conseguisse sobreviver a esta época terrível, iria ganhar através deste aprendizado muito mais saber e experiência para meu desenvolvimento intelectual e espiritual do que se tivesse assistido dos camarotes e das platéias do exterior a tragédia alemã."<sup>32</sup>**

**Após a leitura deste artigo, Thomas Mann anota em seu diário entre outras coisas que**

**"uma corporação, denominada 'emigração interna' se estabeleceu com muita arrogância', ou seja, 'uma comunidade de intelectuais que (...) não abandonaram a Alemanha no momento de sua maior infelicidade, que não ficaram assistindo de longe dos camarotes confortáveis do exterior o seu destino, mas sim compartilharam honrosamente deste destino. Eles teriam compartilhado honrosamente, mesmo que Hitler tivesse vencido".<sup>33</sup>**

**Segundo Reinhold Grimm, foi este artigo de Thiess que levou Thomas Mann a responder à carta de Walter von Molo, que foi impressa no "Augsburger Anzeiger" de 12 de outubro do mesmo ano e reimpressa em vários outros jornais<sup>34</sup>. Nela, Thomas Mann expõe suas razões para não retornar e permanecer em sua nova pátria, os EUA, entre outras a questão da culpa dos intelectuais e artistas de um modo geral, que haviam prestado juramento ao líder carismático, Adolf Hitler, e que haviam participado indiretamente do esforço cultural propagandístico do Ministério da Propaganda sob Josef Goebbels. O trecho de sua carta que mais causou revolta àquela comunidade de escritores, que se autodenominavam "emigrantes internos" foi o seguinte:**

**"Pode até parecer superstição, mas do meu ponto de vista as obras , que de 1933 a 1945 puderam ser publicadas na Alemanha, não têm valor algum e nem se pode pegá-las com as mãos. Um cheiro de sangue e vergonha está impregnado nelas. Todas elas deveriam ser amassadas e transformadas em maculatura."<sup>35</sup>**

---

<sup>32</sup>- Citado segundo: TRAPP, Frithjof: op.cit. p. 256.

<sup>33</sup>- MANN, Thomas: *Die Entstehung des Doktor Faustus. Roman eines Romans*. Amsterdam, 1949. p. 124.

<sup>34</sup>- GRIMM, Reinhold: "Innere Emigration als Lebensform", In: GRIMM, Reinhold & HERMAND, Jost: op.cit. p. 35.

<sup>35</sup>- MANN, Thomas: "Offener Brief", In: *Thomas Mann, Frank Thiess, Walter von Molo; Ein Streitgespräch über die äussere und die innere Emigration*. Dortmund, 1946, p.4. Sobre este tema ver também: SCHRÖTER, Klaus (Org.): *Thomas Mann im Urteil seiner Zeit - Dokumente 1891-1955*. Hamburg, Rowohlt, 1969; Krenzlin, Leonore: „Große Kontroverse oder kleiner Dialog? Gesprächsbemühungen und

Walter von Molo sai então de cena e reaparece na controvérsia Frank Thiess que reage com revolta às observações contidas na carta de Thomas Mann. Thiess, que se vangloriava de ter cunhado a expressão "emigrantes internos"<sup>36</sup>, não deixa dúvidas em sua carta e nos artigos que publicou sobre o tema que considera o sacrifício dele e de outros escritores "emigrantes internos" muito mais elevado do que o dos exilados. Mas ele não fica nisso. Afirma também que um escritor alemão precisa estar vivendo dentro do espaço alemão se quiser continuar sendo um escritor alemão. Com isso ele tenta retirar a legitimidade das obras escritas fora da Alemanha e no caso de Thomas Mann, que não queria voltar, fica implícito que este além de não querer continuar sendo um escritor alemão, não pode mais ser considerado como um escritor alemão. Em toda a argumentação desenvolvida por Thiess e por outros autores que isoladamente participaram da controvérsia, despontam todos os preconceitos, estereótipos e difamações da propaganda nazista em relação aos exilados em geral. Além disso, ele e outros autores se esmeram em declarações auto-justificativas para o fato de não terem se juntado aos outros escritores no exílio. A seguir, uma série de formulações de Thiess na controvérsia:

"Não esperamos receber nenhuma compensação pelo fato de não termos abandonado a Alemanha. Para nós era natural ficar aqui. Mas nos pareceria não natural que os filhos da pátria que sofreram tanto como um Thomas Mann não encontrassem o caminho de volta à pátria e preferirem continuar aguardando o fim da miséria".<sup>37</sup>

E finalmente no artigo "Adeus a Thomas Mann":

"Até aí tudo pode parecer razoável, ainda que não muito honroso para um alemão, que durante 12 anos se sentiu a personificação da consciência alemã e que nos dava lições sobre Hitler lá da sua costa americana segura. Ele vai bem, eu diria até muito bem, ele tem tudo que precisa, e ninguém vai levá-lo a mal se ele não quiser trocar sua existência confortável na Flórida agora na velhice por uma vida horrível entre escombros e miséria. Certamente ele vai ter que fazer um sacrifício, e eu temo por ele pois ele já fez este sacrifício: o sacrifício de sua filiação à literatura alemã.(...) Um poeta não pode impunemente respirar décadas a fio os ares de um continente estrangeiro, e assim Thomas Mann tem que ter em mente que a decisão sobre se ele ainda pertence à Alemanha e à Europa não será tomada lá, mas sim aqui. E ela não será tomada por literatos e críticos, mas sim pelo povo que como um todo, como um grande organismo, tem uma intuição infalível sobre o que é estrangeiro e o que faz parte dele."<sup>38</sup>

---

Kontaktbruchstellen zwischen ‚inneren‘ und ‚äußeren‘ Emigranten“ In: *Galerie. Revue culturelle et pédagogique*. Luxemburgo (15), 1997. Nr. 1., p. 7-22.

<sup>36</sup>- GRIMM, Reinhold: "Innere Emigration als Lebensform" ...p. 42 e seguintes.

<sup>37</sup>- Id. Ibid. p. 257-8.

<sup>38</sup>- Id. Ibid. p. 258.

A personalização em torno de Thomas Mann da questão do retorno dos escritores exilados assim como da literatura do exílio é um fato apontado por todas as pesquisas sobre o tema da rejeição à literatura do exílio. Segundo Roloff, Thomas Mann foi o escritor mais citado dentro do espectro de 6.853 artigos analisados por ele.<sup>39</sup> Além da controvérsia propriamente dita, são dele algumas das primeiras obras do exílio publicadas na Alemanha Ocidental. Não cabe aqui fazer uma análise exaustiva destas obras, mas sim apenas apontar para algumas tendências na crítica literária. No caso de Thomas Mann, sobretudo a publicação de sua obra *Doktor Faustus*, na qual através da reatualização do mito de Fausto é tratada a questão da culpa dos alemães pelos crimes praticados pelos nazistas em nome deste mesmo povo, foi alvo de críticas ferrenhas. Um destes críticos, Walter Boehlich, bate na tecla da estada no exterior para comentar a pretensa diminuição do talento poético de Thomas Mann:

"A América não parece ser um país, no qual os símbolos possam florescer. Não é um país de grande poesia, não tem tradição poética nem crítica atuante. É desta crítica atuante que o envelhecido Thomas Mann deve ter mais sentido falta."<sup>40</sup>

Apesar de todas estas polêmicas em torno dele e de sua obra, Thomas Mann tornou-se um dos poucos autores do exílio a ser recebido na Alemanha ocidental, onde era o autor mais vendido. Só no fim dos anos 50 e 60 "é que perdeu este posto temporariamente para Kafka."<sup>41</sup>

Quanto à questão da recepção do exílio e da literatura do exílio, Roloff assinala para os anos de 1945 a 1949 uma série de tendências nos noticiários e comentários sobre o exílio em geral e sobre a literatura do exílio: -

"limitação da discussão em torno de um grupo muito pequeno de emigrantes proeminentes freqüentemente citados, fazendo com que a conscientização sobre a abrangência da emigração cultural não pudesse se desenvolver plenamente; - o papel claramente dominante de Thomas Mann e a personalização em torno de sua pessoa do problema da emigração assim como de seu comportamento individual provocaram avaliações generalizantes (...); - a concentração das polêmicas em torno dos literatos dentre os emigrantes e suas obras (...); - a limitação considerável do noticiário da imprensa sobre a produção cultural de suas respectivas zonas efetuando assim uma cisão cultural (com exceção da imprensa em Berlim); - o efeito relativamente pequeno

---

<sup>39</sup>-ROLOFF, Gerhard: op.cit. p. 66.

<sup>40</sup>- Citado segundo: KOEPKE, Wulf: "...als Ruf, der an Herz und Nieren geht'. Exilliteratur in der Sicht der deutschen Kritik nach 1945", In: KOEBNER, Thomas & ROTERMUND, Erwin (Org.): *Rückkehr aus dem Exil. Emigranten aus dem Dritten Reich in Deutschland nach 1945. Essays zu Ehren von Ernst Loewy*. Marburg, Druckerei Wenzel, 1990. p. 134.

<sup>41</sup>- KOOPMANN, Helmut: "Die Aufnahme von Thomas und Heinrich Mann in der Bundesrepublik: Ein Vergleich", In: SEVIN, Dieter (Org.): *Die Resonanz des Exils. Gelungene und misslungene Rezeption deutschsprachiger Exilautoren*. Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 1992. p. 187.

da colaboração de um grande número de emigrantes na imprensa alemã ocidental sobre o noticiário tocante à emigração; - a consciência ampla na imprensa da necessidade de se estimular a recepção da literatura do exílio, sem no entanto encontrar correspondência em esforços neste sentido. Comprovou-se aliás que informações aprofundadas sobre a emigração e suas realizações culturais eram preocupação somente de um punhado de intelectuais ativos que também haviam sido exilados (por exemplo Hans Habe, Stefan Hermlin, Alfred Kantorowicz, Werner Pollatschek, F.C. Weiskopf), cujas iniciativas dentro das condições históricas dos anos 1945-1949 não encontraram nenhuma ressonância duradoura e mais tarde aparentemente caíram no esquecimento."<sup>42</sup>

Roloff constata também que após 1950 diminui consideravelmente o número de artigos sobre o exílio e sua literatura <sup>43</sup> e que só em fins dos anos 60 desaparecem os ataques à emigração na imprensa da Alemanha Federal, sobretudo em consequência do Congresso sobre Literatura do Exílio realizado em Estocolmo em 1969.<sup>44</sup>

Quanto à crítica literária propriamente dita e ao público leitor, assinala Wulf Koepke que a recepção das poucas obras do exílio está ligada diretamente não à questão de sua qualidade literária, mas sim ao problema do exílio em si. Após a capitulação,

"os alemães estavam, não importando o que tinham achado de Hitler ou dos nazistas, profundamente atingidos em seu orgulho nacionalista. (...) As pessoas se sentiam como vítimas. Curiosamente este patriotismo ferido se voltava especialmente contra os exilados. (...) Os críticos e seu público burguês concebiam a época como 'tragédia' e esperavam, exigiam, obras literárias de emoções trágicas, que sublinhassem o humano em geral e que consolassem e comovessem."<sup>45</sup>

A literatura do exílio nesta época só vem a baila, ainda segundo Koepke, quando as obras dizem respeito à Alemanha ou quando combinam com a visão de mundo da grande maioria. Questões estéticas são praticamente ignoradas.<sup>46</sup>

As editoras licenciadas entre 1945 e 1949 e após 1949 também pouco se interessavam em publicar obras desta literatura, não só no caso de escritores pouco conhecidos, mas também em relação a escritores de renome, como por exemplo o escritor Alfred Döblin, que retornara em 1945 e que após várias tentativas frustradas de publicar suas obras do exílio abandonou a Alemanha em 1953<sup>47</sup>. Ilustrativo desta tendência é a carta do

---

<sup>42</sup>-ROLOFF, Gerhard: op.cit. p. 215.

<sup>43</sup>- Id.Ibid. p. 208.

<sup>44</sup>- Id. Ibid. p. 211.

<sup>45</sup>- KOEPKE, Wulf: op.cit. p. 129.

<sup>46</sup>- Id.Ibid. p. 137.

<sup>47</sup>- MÜLLER-SALGET, Klaus: "Verfehlt Heimkehr - Alfred Döblin im Deutschland der Nachkriegszeit", In: KOEBNER, Thomas & ROTERMUND, Erwin: op.cit. p. 55-67.

editor Kurt Desch ao escritor Moritz Goldstein, justificando porque não tem interesse em publicar o manuscrito inédito deste escrito no exílio:

"O leitor alemão exige hoje livros (...) que o ajudem a trilhar o caminho através do presente em direção ao futuro".<sup>48</sup>

Segundo Jost Hermand, a maioria dos leitores, editoras e críticos na Alemanha ocidental eram conservadores, cultivavam tradições religiosas e condenavam qualquer tipo de politização da literatura. E como a literatura do exílio era essencialmente uma literatura política, de oposição ao nacional-socialismo, que tentou explicar por exemplo de várias formas possíveis a ascensão do nazismo na Alemanha, a fascinação do povo alemão pelo ideário nazista e mais tarde, no ocaso da guerra, tratou de questões como a culpa do povo alemão, não podia ser neste contexto de expectativas uma literatura bem recebida. O público leitor em geral exigia obras, como já exposto acima, que consolassem pela 'tragédia' e que não pretendessem dar lições de moral nem colocassem em questão a história recente. Por essa razão, são aqueles escritores conservadores da assim chamada 'emigração interna' que dominarão o programa editorial (70% a 80% ), e que irão receber entre 1946 e 1949 todos os mais importantes prêmios literários.<sup>49</sup>

Enquanto isso, surpreendentemente os jovens autores ou os que pretendiam se tornar escritores e que em 1947 fundaram o "Grupo 47" pouco se interessaram em estabelecer contato com a literatura do exílio, pois estavam mais interessados em elaborar literariamente suas experiências durante a guerra como soldados e nas prisões dos aliados ocidentais.

"A literatura da 'tabula rasa' e o 'grupo 47' também contribuíram para tornar endêmicos os mal-entendidos já existentes, porque também essas tendências literárias cultivavam a ideologia do 'início a partir do zero', (...) contrária a tudo o que era tradicional, principalmente contra o passado, e assim ajudaram a relegar ao esquecimento as vítimas deste passado."<sup>50</sup>

Frank Trommler constata também este fato e explicita que, apesar de toda a mitologia construída em torno desta jovem geração, vão se impor após 1945 no panorama literário e cultural aqueles que já eram conhecidos antes de 1933: dos filósofos Karl Jaspers e Martin Heidegger aos escritores Gottfried Benn, Thomas Mann e Johannes R. Becher ( este último na zona de ocupação soviética).<sup>51</sup>

Além disso, Trommler assinala que a ruptura da literatura alemã não ocorre no ano de 1933 com a ascensão do nazismo, mas sim já em 1930

---

48- Carta de 2.11.1948 , no arquivo Moritz Goldstein, Instituto para Pesquisa Contemporânea, Cidade de Dortmund, citada em: PAPCKE, Sven: „Exil und Remigration als öffentliches Ärgernis. Zur Soziologie eines Tabus“, In: Exil und Remigration. Exilforschung. Ein Internationales Jahrbuch...Vol.9. p. 19.

49- HERMAND, Jost: op.cit. p. 20-21.

50-PAPCKE, Sven: op.cit. p. 17.

51- TROMMLER, Frank: "Emigration und Nachkriegsliteratur. Zum Problem der geschichtlichen Kontinuität", In: GRIMM, Reinhold & HERMAND, Jost: op.cit. p. 174.

quando da crise econômica, social e política. Nesta época a burguesia teria começado a ignorar as causas econômicas e sociais da crise percebendo-a como uma crise cultural e espiritual. Tal processo de distorção da percepção teria continuado até os anos 60.

"O terreno do presente transformou-se num lugar ameaçado pelas forças escuras do coletivismo, da objetividade, das massas e do impróprio, no qual o indivíduo só podia manter sua posição, se fechasse os olhos. Para tanto ele recebe auxílio de poetas e escritores, que fornecem-lhe imagens, imagens deste isolamento, mas também de sua superação através da conjunção com o universal."<sup>52</sup>

Como sinais desta tipo de visão distorcida, Trommler aponta o culto à poesia de Rainer Maria Rilke, iniciada no início dos anos 30, que continua com o culto ao poeta que mais se identificou com o nazismo, Gottfried Benn, o culto à Goethe e concomitantemente a rejeição às tendências de esquerda da literatura já nos anos 30 e à modernidade literária. Ou seja, no caso da recepção da literatura do exílio um dos problemas principais é a questão da determinação da função da literatura. Enquanto que nas três zonas ocidentais e depois na República Federal da Alemanha, a assim chamada "poética da interioridade", que assinala a continuidade entre as tendências expostas acima a partir de 1930 e a literatura da emigração interior assim como em certa medida a literatura da 'tabula rasa' dos jovens autores, prevalece como modelo da função da literatura, a literatura do exílio, cujos autores em grande parte tinham outra visão da função da literatura, tinha pouquíssimas chances de ser reintegrada ao cânone literário. É no culto à poética da interioridade, segundo Trommler, nesta percepção da literatura como uma espécie de "abrigo para se sobreviver em tempos caóticos"<sup>53</sup>, que está a chave para a não-compreensão da literatura do exílio, obrigatoriamente engajada. Ainda segundo Trommler, a famosa controvérsia entre a emigração interior e a exterior repetiu os debates e conflitos de antes de 1933.

"E como em 1930 concentrou-se a controvérsia em 1945 em torno de Thomas Mann, que, ao contrário de seu irmão Heinrich Mann há muito porta-voz de idéias da esquerda humanista, não se podia imaginar que estivesse do 'outro lado'. (...) A burguesia podia ignorar um autor socialista, mas não um autor burguês como Thomas Mann."<sup>54</sup>

---

52- Id. Ibid. p. 183.

53- Id. Ibid. p. 175.

54- Id. Ibid. p. 191. Helmut Koopmann, em artigo citado acima, compara a recepção das obras de Thomas Mann com as de Heinrich Mann após 1945 e conclui que até hoje as obras de H. Mann estão praticamente esquecidas. A controvérsia em torno de Thomas Mann em 1930 refere-se à polémica provocada por sua palestra "Deutsche Ansprache - Ein Appell an die Vernunft" (Palestra alemã - um apelo à razão), na qual este se distancia profundamente de suas idéias conservadoras do início do século e se aproxima do ideário da esquerda liberal-humanista. A palestra causou comoção nas hostes conservadoras, anti-democráticas e opositoras ao regime parlamentarista da República de Weimar. (Vide: SAUTERMEISTER, Gert: "Widersprüchlicher

**Conclusões:** No ano de 1945 não houve uma ruptura, um ponto zero e as datas 1933 e 1945 não assinalam uma ruptura da tradição, no máximo uma cesura. Constata-se uma continuidade de tendências literárias de 1930 até pelo menos o final dos anos 60. Toda e qualquer literatura que tivesse um posicionamento político ou qualquer tipo de engajamento social no sentido de compreensão da realidade era rejeitada. A recepção da literatura do exílio, publicada em grande escala na zona de ocupação soviética, também sofreu com o boicote imposto pelas potências aliadas ocidentais aos livros publicados na zona soviética. A proibição foi imposta a 10 de novembro de 1948.<sup>55</sup> Ou seja, mesmo que leitores das zonas ocidentais se interessassem em conhecer esta literatura, ficaram impedidos de adquiri-la depois do boicote.

Nas escolas, universidades, redações estavam sobretudo "representantes do antigo sistema, que foi responsável durante doze longos anos pela fuga dos escritores. Sem interrupção continuaram suas carreiras na Alemanha do pós-guerra".<sup>56</sup>

Nos livros escolares, segundo pesquisa de Hermann Glaser, não há menção ao exílio entre 1945 e 1965, embora não dominasse mais nos livros a tendência nacional-socialista anterior. Tendências irracionais, no entanto, que haviam se conjugado ao nacional-socialismo ainda eram dominantes. O curso de alemão nas escolas

"era em seus aspectos básicos idealista; à aflição do indivíduo isolado respondia com o humanitarismo geral, à miséria material com a beleza da alma, ao jugo exterior com a liberdade interior, ao egoísmo brutal com o reino das virtudes do dever."<sup>57</sup>

"Na República Federal da Alemanha demonstrou-se claramente, que a contradição não era tanto em torno da diferença entre emigração interior e exterior, (...) mas sim simplesmente entre literatura de direita e literatura de esquerda. Pois muito das áreas estetizantes, religiosas, humanistas-burguesas ou existencialistas da literatura do exílio, ou seja das obras de um Hermann Broch, Robert Musil, Franz Werfel, Carl Zuckmayer, Stefan Zweig e também Thomas Mann foi reintegrado ao corpus da literatura alemã ocidental. Foram somente os escritores de esquerda do exílio, que viviam então na República Democrática Alemã, que foram considerados tabus ou amaldiçoados."<sup>58</sup>

E ainda:

---

Antifaschismus. Thomas Manns politische Schriften (1914-1945)", In: WINCKLER, Lutz (Org.): *Antifaschistische Literatur: Programme, Autoren, Werke*. Kronberg/Ts., Scriptor-Verlag, 1977. p. 142-222.

<sup>55</sup>- ROLOFF, Gerhard: op.cit. p. 165.

<sup>56</sup>- WALBERER, Ulrich: "Eine unendliche Geschichte. Vom Elend der schleppenden Reintegration der deutschsprachigen Exil-Literatur in den allgemeinen Kanon der Literatur", In: KOEBNER, Thomas & ROTERMUND, Erwin: op. cit p. 166.

<sup>57</sup>- GLASER, Hermann: "Das Exil fand nicht statt. Schulwirklichkeit im Deutschunterricht 1945-1965," In: WALBERER, Ulrich (Org.): op.cit. p. 265.

<sup>58</sup>- Hermand, Jost. „Der geteilte Himmel...“. p. 30.

"The works of exile writers were presumed to be (and often were) political statements harshly condemning recent currents of German history and politics, an liable to be treated as treacherous or as not real literature because they were 'merely' political. Hans Mayer has aptly characterized the mainstream of early postwar literature (specifically the Gruppe 47) as an 'ideology of anti-ideology' (...) incompatible with the outspokenly political goals of the exile writers. This type of audience envisioned exile texts as collective statements of a group that, ideologically as well as geographically, stood outside of the 'fate' of the German people under Hitler."<sup>59</sup>

A cisão se completa e se aprofunda nos anos 50 e se estende até fins dos anos 60. A disputa entre a literatura do exílio e a literatura da continuidade, chame-se ela literatura da "emigração interior" ou literatura da "tabula rasa", sobre qual corrente deve representar a literatura alemã após 1945, foi perdida pela literatura do exílio. Esta continua em muitos casos uma terra incógnita, um continente desconhecido.

#### 2.4- A recepção da literatura do exílio na República Federal da Alemanha após 1969

As resistências contra o tema exílio assim como por consequência contra a literatura do exílio só começam a se desfazer na República Federal da Alemanha a partir de 1966/67 com o surgimento do movimento estudantil de protesto.

"Na virada de 1966 para 1967 com a criação da Grande Coalizão surgiram dúvidas não só em setores da jovem geração em relação à ordem democrática na República Federal da Alemanha, pois uma oposição parlamentar parecia ter se tornado ineficaz. Não foi difícil então para os porta-vozes do movimento de protesto ganhar novos adeptos. O espectro que compreendia tudo o que era combatido tornou-se mais abrangente - englobando a oposição do movimento de protesto norte-americano contra o envolvimento dos EUA no Vietnam e a condenação de todas as ditaduras assim como a revolta contra pais e professores enquanto autoridades tradicionais, a exigência de uma revolução da estrutura social existente com sua 'classe superior' e 'classe inferior', seus 'capitalistas monopolistas' e 'desprivilegiados' e

---

<sup>59</sup>- FRISCH, Shelley: "The turning down of *The Turning Point*: The politics of non-reception of exile literature in the Adenauer Era", In: SEVIN, Dieter (Org.): op.cit. p. 208. A obra de Hans Mayer citada aqui pela autora é: *Zur deutschen Literatur der Zeit - Zusammenhänge, Schriftsteller, Bücher*. Reinbek, Rowohlt, 1967. p. 301.

ainda com a crítica ao ideário moral cristão sobre casamento e família."<sup>60</sup>

Não cabe aqui traçar um painel dos caminhos e descaminhos do movimento estudantil alemão ocidental. É importante no entanto assinalar que no decorrer da luta anti-autoritária do movimento estudantil, muitos de seus líderes e membros passam a se ocupar com o passado recente e a colocar em questão a continuidade de certas estruturas autoritárias que haviam sobrevivido e tornado possível duas guerras mundiais. É dentro deste campo de interesses e de busca por outras tradições, democráticas, socialistas ou radicais, que se insere a ressurreição do tema exílio, da luta antifascista, e enfim da literatura do exílio. Além disso, dentro desta busca de novos paradigmas para a esquerda, sobretudo após a invasão da Tchecoslováquia pelas tropas do pacto de Varsóvia que puseram fim à "primavera de Praga" em agosto de 1968, retornaram à cena política e ideológica idéias e autores do exílio, como por exemplo as idéias da teoria crítica da Escola de Frankfurt e os trabalhos de seus membros, Theodor Wiesengrund Adorno, Herbert Marcuse e Max Horkheimer, sobre as origens do fascismo e do nacional-socialismo. No campo estético esta também é uma época de muitos debates em torno da questão da função da literatura, e sobretudo em torno de uma das questões mais discutidas durante o exílio: o realismo. Vários autores jovens por sua vez buscaram então paradigmas e modelos literários nas correntes literárias de esquerda da antiga República de Weimar, como a literatura de reportagem, o teatro de agitação política etc., há muito soterrados e esquecidos.

Neste contexto muitos descobrem a literatura do exílio, principalmente aquelas obras e autores de esquerda e engajados na luta antifascista. A proscricção do exílio e da literatura do exílio foi assim quebrada por uma nova geração. Obviamente a recepção da literatura do exílio por esta nova geração foi inicialmente politicamente seletiva. Além disso, há que assinalar que o interesse por esta literatura não era compartilhado pela maioria dos professores universitários de literatura alemã. As portas da universidade permaneceram durante muitos anos fechadas para a literatura do exílio. Os primeiros congressos internacionais sobre o tema ocorreram não na Alemanha Federal, mas sim em Estocolmo, em 1969, e nos EUA. As primeiras obras sistemáticas sobre exílio e literatura do exílio após os esforços iniciais de uma geração de exilados (Walter Berendsohn, Wilhelm Sternfeld, Hanns-Wilhelm Eppelsheimer, entre outros), foram escritas a partir do fim dos anos 60 por um pesquisador que nunca havia feito um curso universitário: Hans-Albert Walter.

No decorrer das décadas seguintes a pesquisa do exílio e de sua literatura foi se aprofundando, principalmente com o auxílio de subvenções oficiais, com o arquivamento de manuscritos inéditos e espólios de exilados na Deutsche Bibliothek (Biblioteca Alemã) de Frankfurt e com a criação da

---

<sup>60</sup>- "Die Bundesrepublik Deutschland 1966-1974". Informationen zur politischen Bildung. Editado por: Bundeszentrale für politische Bildung. Bonn, 1981. p. 3.

Gesellschaft für Exilforschung (Sociedade para Pesquisa do Exílio) assim como, na área universitária, com a criação de uma cátedra de literatura do exílio na Universidade de Hamburg. Congressos e mais congressos, assim como publicação das obras completas de autores esquecidos têm se sucedido. Apesar de tudo isso,

"a pesquisa do exílio há muito prosperando não conseguiu anular a posição marginal deste tema. Apesar das subvenções da Conselho de Pesquisa Alemão e outros esforços e apesar de resultados de pesquisa consideráveis as formas de abordagem da questão exílio encontram-se atrasadas em relação às linhas científicas. É até possível que o imenso esforço de pesquisa tenha contribuído para isolar de novo o tema e não só porque tais questões nas mãos de especialistas se tornaram problemas somente para iniciados. Déficits de mentalidade e com isso o escândalo em torno do exílio e da remigração parecem deixados de lado, enquanto que agora pelo menos a musealização pode dar certo. (...) A nova confusão neste complexo de problemas reside (...) provavelmente no fato de que não se dispõe de um princípio sustentável que torne compreensível para a opinião pública alemã o exílio e a remigração em toda a abrangência como parte da *própria* história oficial. Assim é que todo este campo de temas ainda é um tema singular - e além disso uma aventura intelectual."<sup>61</sup>

Quanto à literatura do exílio, não se pode afirmar que ela retornou ou que tenha sido reintegrada no cânone literário. Pode-se apenas afirmar que alguns autores, como já foi exposto acima, foram reintegrados.

"Só se pode falar de um retorno da literatura do exílio, quando se puder dispor de uma seleção realmente representativa de todas as suas obras e quando o mundo das idéias e experiências do exílio se tornarem familiares e naturais para o leitor. O ensino e divulgação da literatura alemã ainda hoje é dominado pela investigação das obras de autores isolados. A literatura do exílio continua sendo um campo especial de poucos, ainda que hoje não se possa mais falar que seja tabu, como nos anos 50 e 60."<sup>62</sup>

Comentando os congressos que se sucedem sobre literatura do exílio, afirma Walberer:

"Os participantes destes congressos e simpósios se conhecem pelo nome. Não estou querendo dizer que não se faça nada nesta área. A tragédia é que o tema literatura do exílio parece não poder ser transportado de um círculo restrito de interessados (apaixonados pelo tema) para fora."<sup>63</sup>

Além disso, são poucas ainda as editoras que publicam literatura do exílio, pois algumas que publicaram, constataram falta de interesse do público. Uma das poucas que ainda insiste em publicar tais obras na série

---

<sup>61</sup>- PAPCKE, Sven: op.cit. p. 13-14.

<sup>62</sup>- DYBOWSKI, Andreas: op.cit. p. 231.

<sup>63</sup>- WALBERER, Ulrich: op.cit. p. 167.

"Proibidos e Queimados" normalmente não consegue vender mais de uma edição. Autores de renome como Alfred Döblin, Lion Feuchtwanger e Heinrich Mann, por exemplo, não conseguiram até hoje se impor no mercado editorial. Os mais importantes representantes da corrente expressionista ou simbolista também não estão mais presentes.<sup>64</sup>

A terra incógnita dos anos 50 e 60 foi ao menos mapeada nas últimas décadas, algumas de suas riquezas foram extraídas e tornaram-se conhecidas e reconhecidas, suas fronteiras foram delimitadas, mas de um modo geral ela continua isolada como uma ilha imensa em mar aberto sem conexão com o continente literário que se reconstituiu a partir de 1945<sup>65</sup>.

### 3- Recepção da literatura em língua alemã do exílio na zona de ocupação soviética a partir de 1945 e na República Democrática Alemã (1949-1990)

Todos os autores pesquisados são unânimes em afirmar que grande parte das obras da literatura do exílio se tornaram parte integrante e até o fundamento inicial da literatura alemã da República Democrática Alemã.

"Na República Democrática Alemã nunca houve necessidade de se justificar o exílio, ou de se reabilitar os exilados. Para a auto-imagem deste outro Estado alemão o exílio nunca foi questionável, pelo contrário ele foi desde o início completamente integrado na tradição política na qual se baseava este Estado. Em nenhum momento duvidou-se que a literatura do exílio pertencia à herança cultural e literária que se pretendia preservar. Os exilados eram considerados na República Democrática Alemã como os representantes contemporâneos mais significativos desta herança, sendo que a margem de tolerância não era tão pequena assim, como certos ideólogos da guerra fria na República Federal da Alemanha afirmavam: Tal margem abrangia não só exclusivamente escritores socialistas e comunistas, mas também incluía uma grande parte da literatura burguesa. Com isso não quero questionar o fato de que representantes de determinadas correntes literárias ou políticas permaneceram excluídos da recepção."<sup>66</sup>

---

<sup>64</sup>- Id.Ibid. p. 168.

<sup>65</sup>- Vide entre outros: SCHUMANN, Thomas B.: "'Einmal Emigrant, immer Emigrant' Schriftstellerschicksale im Exil" p. 213-222; HOMANN, Ursula: "Exil und literarischer Widerstand. Das Wort als gefürchtete politische Waffe" p. 200-212; HOHMANN, Joachim S.: "Unerwünschte Heimkehrer. Misstrauen und Vorurteile gegenüber Exilanten und Widerstandskämpfern" p. 281-292, In: *Widerstand und Exil 1933-1945*. Editado por Bundeszentrale für politische Bildung, Bonn, 1985.

<sup>66</sup>- WALTER, Hans-Albert: *Bedrohung und Verfolgung bis 1933. Deutsche Exilliteratur 1933-1950*. Darmstadt und Neuwied, Luchterhand Verlag, 1972. p. 21.

Exatamente por esta razão não existem praticamente pesquisas investigativas sobre a recepção do exílio e da literatura alemã do exílio na República Democrática Alemã, pois uma questão só se torna um tema quando ela é um problema a ser explicado.

As divergências fundamentais entre os dois países alemães podem ser explicadas a partir dos dois diferentes modelos político-econômicos seguidos por cada um deles, como já foi exposto acima. As diretrizes da ocupação soviética tanto para as áreas político-econômicas quanto para as áreas sociais e mais especificamente culturais foram determinadas pela concepção marxista-leninista do fascismo. Ou seja, segundo esta concepção o fascismo seria uma forma reacionária de dominação resultante do capitalismo tardio. Tratava-se então de implantar diretrizes antifascistas e evidentemente anti-capitalistas. Nas áreas econômica e política isto significou entre outras coisas a desapropriação de latifúndios, o confisco de empresas e indústrias e o controle das administrações provinciais nas mãos de comunistas ou socialistas alemães. A implementação destas diretrizes contou com a participação decisiva do grupo de comunistas alemães exilados em Moscou, todos membros do partido comunista alemão da República de Weimar: o assim chamado grupo Ulbricht, que durante o exílio havia preparado um plano de ação para o pós-guerra. O grupo Ulbricht era assim denominado segundo o nome do secretário-geral do partido comunista alemão no exílio Walter Ulbricht. Ainda antes da capitulação definitiva, este grupo de líderes comunistas foi trazido a Berlim, já em mãos dos ocupantes soviéticos, e enviado às capitais das províncias que mais tarde ficariam sob controle soviético. Quando os aliados ocidentais ocuparam seus respectivos setores em Berlim, por exemplo, em julho e agosto de 1945, encontraram lá vários comunistas alemães trabalhando em conjunto com a Administração Militar Soviética.<sup>67</sup>

No total a administração soviética incluiu em seu aparato político-militar cerca de 2.500 alemães, a maior parte deles exilados políticos. A este grupo vieram juntar-se em 1947 políticos e escritores comunistas ou de esquerda que haviam se exilado no México, na Colômbia, nos EUA ou na Palestina (ainda sob mandato britânico). Dentre estes incluem-se os escritores Bodo Uhse, Anna Seghers, Adam Scharrer, Ludwig Renn, Arnold Zweig<sup>68</sup>, Louis Fürnberg, o poeta Erich Arendt<sup>69</sup> e o escritor, poeta e

---

<sup>67</sup>- Vide: "Geschichte der DDR". Informationen zur politischen Bildung. Editado por Bundeszentrale für politische Bildung. Bonn, 2. Trimestre 1991.

<sup>68</sup>- Vide: DAVIS, Geoffrey V.: "Arnold Zweigs Rückkehr nach Deutschland", In: WALLACE, Ian (Org.): *Aliens - Uneingebürgerte. German and Austrian Writers in Exile*. Amsterdam, Atlanta, GA, 1994. p. 11-33.

<sup>69</sup>- Vide: SCHLENSTEDT, Silvia: "Die Rückkehr Erich Arendts aus dem Exil", In: *Exil und Remigration. Exilforschung. Ein Internationales Jahrbuch*. Editado por Claus-Dieter Krohn, Erwin Rotermund, Lutz Winckler e Wulf Koepke por encomenda da Gesellschaft für Exilforschung/Society of Exile Studies. Munique, Text+Kritik, 1991, Vol.9. p. 81-89.

dramaturgo Bertolt Brecht<sup>70</sup>. Além disso, mudaram-se das zonas de ocupação ocidentais para a zona soviética após o início da Guerra Fria os escritores Stefan Heym, Hans Marchwitza e Stephan Hermlin assim como o ensaísta e crítico literário Hans Mayer.<sup>71</sup>

"Enquanto que na zona de ocupação soviética todos os cargos importantes na vida política e cultural foram ocupados quase que exclusivamente por ex-exilados, os mesmos cargos nas zonas de ocupação ocidental foram quase todos ocupados por representantes da emigração interior ou até por simpatizantes do regime nazista, que de antemão mostravam nem ter muita inclinação para trabalhar em conjunto com exilados de tendência esquerdista nem vontade de confraternizar politicamente com eles." <sup>72</sup>

Na área cultural, a figura mais importante dentre estes comunistas foi o poeta Johannes R. Becher<sup>73</sup>. Sob a égide de Becher, cristalizou-se ainda em Moscou uma série de diretrizes de política cultural e literária para o pós-guerra, cuja base ideológica foi a política da frente popular, posta em prática a partir de 1935 durante o exílio na França, ou seja, uma política de aproximação com sociais-democratas, esquerdistas de vários matizes e com correntes burguesas humanistas. A política da frente popular resultou em uma série de congressos antifascistas e congregou muitos escritores e artistas apolíticos durante o exílio francês, mas entrou em declínio e passou a ser contestada quando da divulgação dos expurgos stalinistas a partir de 1937 e também em função do papel excessivamente centralizador dos membros comunistas da frente popular<sup>74</sup>.

Tomando por base a política da frente popular criou-se ainda em 1943 na União Soviética o "Comitê Nacional Alemanha Livre", formado por escritores e políticos comunistas exilados assim como por soldados e oficiais alemães capturados durante a guerra no front soviético. Este Comitê era associado ao Movimento Alemanha Livre no México, fundado em 1942, e a associações filiadas ao seu Comitê Latino-americano em vários países, inclusive no Brasil.<sup>75</sup> Ainda durante a guerra o Comitê realizava por

---

<sup>70</sup>- Vide: SCHLENSTEDT, Silvia: "Heimkehr des Odysseus? Erfahrungen deutscher Exilautoren nach 1945 am Beispiel Bertolt Brechts und Stephan Hermlins", In: HOLZNER, Johann et alii (Org.): *Eine schwierige Heimkehr: Österreichische Literatur im Exil 1938-1945*. Innsbruck, Institut für Germanistik, 1991. p. 51-63.

<sup>71</sup>- HERMAND, Jost: „Der geteilte Himmel...“ p. 14.

<sup>72</sup>- Id.Ibid. p. 15.

<sup>73</sup>- Vide: ROHRWASSER, Michael: "Johannes R. Becher und die 'Wiedergeburt'", In: WALLACE, Ian: op.cit. p. 35-56.

<sup>74</sup>- Vide entre outros: LANGKAU-ALEX, Ursula: *Volksfront für Deutschland? Vorgeschichte und Gründung des 'Ausschusses zur Vorbereitung einer deutschen Volksfront', 1933-1936*. Frankfurt a.M.: Autoren- und Verlagsgesellschaft Syndikat 1977. Vol. I.

<sup>75</sup>- Vide: POHLE, Fritz: *Das mexikanische Exil. Ein Beitrag zur Geschichte der politisch-kulturellen Emigration aus Deutschland (1937-1946)*. Stuttgart, J.B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung 1987; FURTADO KESTLER, Izabela M. *Die Exilliteratur und das Exil der deutschsprachigen Schriftsteller und Publizisten in*

exemplo trabalho de doutrinação ideológica entre os soldados aprisionados. Após muitos debates internos cristalizou-se já em 1944 uma política cultural e literária de viés pedagógico, defendida por Johannes Becher, não abertamente comunista mas sim com substância humanista, ou seja, uma espécie de iluminismo com algumas pinceladas comunistas.

"Temporariamente foram desenvolvidos planos mais radicais, sem compromissos nestas discussões entre políticos e escritores comunistas que se preparavam conjuntamente para suas tarefas no pós-guerra. Projetos ideológicos e organizacionais de caráter estritamente comunistas teriam no entanto tido enormes dificuldades de serem transpostos para a práxis social. Por volta do fim da guerra cristalizou-se nas discussões entre os líderes do partido comunista Walter Ulbricht, Wihelm Pieck e Anton Ackermann com os intelectuais do partido, que viviam em Moscou (além de Johannes R. Becher destacaram-se Erich Weinert, Friedrich Wolf, Willi Bredel, Hans Rodenberg, Fritz Erpenbeck e Maxim Valentin), que só a posição de Becher era realista. Além disso, ela estava de acordo com a estratégia e a tática da política de ocupação soviética na Alemanha."<sup>76</sup>

A política cultural visando à reeducação do povo alemão no pós-guerra conjugada à estratégia soviética de fortalecimento em relação às potências aliadas ocidentais ganhou o nome ainda em Moscou de "programa de renovação antifascista-democrático". Em junho de 1945 Becher recebe da Administração Militar Soviética a permissão para fundar a "União Cultural para renovação democrática da Alemanha", que é oficializada a 4 de julho de 1945. No manifesto de fundação, Becher proclama:

"Podemos neste início auspicioso invocar os grandes gênios de nosso povo, que nos deixaram uma rica herança humanista. Esta rica herança do humanismo, do classicismo, a rica herança do movimento operário devemos trazer à tona de forma convincente, luminosa e inequívoca. (...) Ou a Alemanha se torna um país livre, democrático - ou uma terra arruinada moralmente, uma terra de ninguém sem história."<sup>77</sup>

No comando desta estratégia de política cultural esteve entre 1945 e 1949 o Departamento de Informação da Administração Militar Soviética, dirigido pelo coronel (mais tarde general) Sergei Tulpanow,

"ao qual se subordinavam dez departamentos (entre eles um de literatura sob a direção do crítico literário Alexander Dymshitz) e que também fundou uma editora própria da Administração Militar, na

---

*Brasilien*. Frankfurt a.M., Berlim, Berna, Nova Iorque, Paris, Viena, Peter Lang Verlag, 1992.

<sup>76</sup>- JÄGER, Manfred: *Kultur und Politik in der DDR. Ein historischer Abriss*. Colônia, Verlag Wissenschaft und Politik, 1982. p. 3-4.

<sup>77</sup>- Id.Ibid. p. 2.

qual foram publicadas sobretudo obras da literatura soviética (Gorki, Scholochow, Maiakowski etc.) em edições baratas."<sup>78</sup>

Enquanto isso a União Cultural organizava reuniões, festivais culturais e realizava programas de rádio literários. Em agosto de 1945 é fundada a editora Aufbau (Reconstrução) ligada à União Cultural, que começa a publicar literatura do exílio ao assumir os programas de importantes editoras do exílio. Além disso, a União funda a revista cultural "Aufbau". Não só teóricos marxistas ou escritores exilados escreveram artigos para esta revista. Para pôr em prática a estratégia de reeducação antifascista-democrática nos moldes da frente popular, foram convidados a escrever nesta revista também os escritores da emigração interna Ernst Wiechert, Elisabeth Langgässer, Rudolf Hagelstange, Hans Fallada, Erik Reger, Kasimir Edschmid, Herbert Ihering, Manfred Hausmann e Wolfgang Weyrauch. O objetivo primordial era, segundo as palavras do escritor Alexander Abusch (que foi depois de Johannes Becher o segundo Ministro da Cultura da República Democrática Alemã), "a fusão completa das duas literaturas (a da emigração exterior com a da emigração interior)".<sup>79</sup> A partir de 1946 a União Cultural passou a publicar também um jornal semanal, o "Sonntag" (Domingo).

"A União já tinha no final de 1945 22.000 membros, e dois anos depois já contava com 120.000 (nos anos 50 e 60 cresceu ainda mais o número de membros), sem que esse crescimento tivesse correspondido a um crescimento do significado da União Cultural".<sup>80</sup>

A editora Aufbau da União Cultural tornou-se em pouco tempo a maior editora especializada em literatura do pós-guerra alemão.

As antigas editoras que funcionavam até o fim da guerra foram todas estatizadas e subordinadas inicialmente ao controle do departamento de literatura da administração militar soviética, mais tarde com a criação da República Democrática Alemã, o controle e evidentemente a censura passou a ser exercido pelo Conselho Cultural da Indústria Editorial.<sup>81</sup> A criação de organizações de massa, (Central Sindical Única, Juventude Alemã Livre, União Democrática da Mulheres Alemãs, Sociedade da Amizade Teuto-Soviética e a supracitada União Cultural para a renovação democrática da Alemanha), segundo a Diretiva Nr. 2 da Administração Militar Soviética, abriram-se novos espaços para o trabalho de reeducação assim como evidentemente de doutrinação ideológica. A Central Sindical Única por exemplo passou a desempenhar não só um papel dominante como receptora mas também como promotora da vida literária, através de suas

---

<sup>78</sup>- EMMERICH, Wolfgang: *Kleine Literaturgeschichte der DDR*. 2.Ed. Darmstadt, Luchterhand Verlag, 1984. p. 38.

<sup>79</sup>- Id.Ibid. p. 40.

<sup>80</sup>- Id.Ibid. p. 40.

<sup>81</sup>- MORTIER, Jean: "Ein Buchmarkt mit neuen Strukturen. Zur Verlagspolitik und Buchplanung in der SBZ 1945-1949", In: SCHERPE, Klaus & WINCKLER, Lutz: op.cit. p. 62-80.

organizações associadas, como o Teatro Popular, os círculos de teatro amadores, as bibliotecas dentro das indústrias etc.<sup>82</sup> Estas organizações de massa perduraram durante toda a existência da República Democrática Alemã.

Depreende-se pelo exposto acima que o esforço de reeducação de todas estas organizações, principalmente por aquelas mais ligadas à área cultural, foi empreendido para a sustentação de um novo paradigma ideológico: o anti-fascismo, que se tornou uma espécie de razão de Estado da República Democrática Alemã.<sup>83</sup> A própria literatura do exílio passou a ser denominada dentro deste contexto de "literatura antifascista do exílio". Desde o início, como mencionado acima, foram publicadas obras do exílio não só de escritores que retornaram à zona soviética, mas também e com a mesma intensidade de alguns exilados que não tinham ido viver lá, como por exemplo: Heinrich Mann, Lion Feuchtwanger, Leonhard Frank, Thomas Mann, Oskar Maria Graf e Alfred Döblin. Por outro lado, não foram publicadas em tempo algum obras do exílio de escritores que haviam se desligado do partido comunista durante o exílio: Arthur Koestler, Gustav Regler e Manès Sperber.

Com a criação da República Democrática Alemã, cuja divisa era a construção de um Estado socialista em solo alemão, a política cultural e literária sofre algumas mudanças, que no entanto não dizem respeito ao papel da literatura alemã do exílio como uma das bases fundamentais da literatura alemã deste país. Não cabe aqui portanto traçar um painel da evolução literária na R.D.A., que inclui por exemplo a não recepção dos 'clássicos da modernidade' como Joyce, Proust, Kafka, Gide, Sartre, Camus e Becket entre outros, considerados representantes da 'decadência burguesa tardia', segundo a teoria da literatura de Georg Lukács (1885-1971), a canonização do assim chamado realismo socialista, e surpreendentemente a não recepção da literatura e da arte da agitação proletária da República de Weimar.<sup>84</sup>

A questão mais importante neste contexto é a de se estabelecer qual era a função da literatura e dos escritores naquele país. Na República Democrática Alemã a literatura tinha uma função de importância fundamental para o embasamento ideológico e político do socialismo/comunismo que se pretendia construir, praticamente uma função pedagógica, assim como para a supressão paulatina das diferenças de classe baseadas no privilégio da posse do saber. Ou seja, de um lado verifica-se aí a

---

82. WINCKLER, Lutz: "Das 'Arbeitsprogramm zur Entfaltung der kulturellen Massenarbeit'. Zur Kulturprogrammatik des Freien Deutschen Gewerkschaftsbundes 1948-1950", In: SCHERPE, Klaus & WINCKLER, Lutz: op.cit. p. 81-100.

83. LOEWY, Ernst: "Zum Paradigmenwechsel in der Exilliteraturforschung", In: Exil und Remigration. Exilforschung. Ein Internationales Jahrbuch. Editado por Claus-Dieter Krohn, Erwin Rotermund, Lutz Winckler e Wulf Koepke por encomenda da Gesellschaft für Exilforschung/Society for exile studies. Munique, Text+Kritik, 1991, Vol.9. p. 209.

84. Vide: HERMAND, Jost: op.cit.; e EMMERICH, Wolfgang: op.cit.

realização de um modelo pedagógico que em última análise tem uma raiz iluminista (educação para a razão) e ao mesmo tempo um sólido embasamento marxista-leninista. Literatura dentro deste contexto torna-se uma questão que diz respeito a toda a sociedade, torna-se *res publica*, com uma função social bem delimitada, ou em outras palavras, a extinta R.D.A. pode ser considerada como um "Estado platônico-brechtiano filosófico de artistas e escritores".<sup>85</sup>

Este Estado platônico-brechtiano, que de um lado dava benesses a escritores, concedia-lhes um papel de relevância na área cultural e de outro censurava-os quando suas obras supostamente não se adequavam ao espalho ideológico-literário- o fundamento literário era supostamente revolucionário, mas a literatura não tinha permissão de tentar revolucionar a "revolução" ditada de cima - ou até como no caso do poeta e compositor Wolf Biermann retirava-lhes a cidadania (Biermann não pôde retornar à Alemanha Oriental após uma tournee na Alemanha Ocidental), desmoronou em 1989 como um castelo de cartas. A reunificação ou melhor a adesão da República Democrática Alemã à República Federal da Alemanha em 1990, segundo o jargão jurídico oficial, foi apenas o passo seguinte inevitável. Não se pode ainda no entanto fazer nenhum prognóstico se haverá ou não uma reunificação das literaturas alemãs. De qualquer forma, é possível afirmar-se de antemão que a concepção da literatura com uma função social determinada, como a dominante na República Democrática Alemã, chegou ao seu fim.<sup>86</sup>

#### 4- Considerações sobre a Áustria do pós-guerra:

A II Guerra terminou na Áustria já a 12 de abril de 1945 com a conquista de Viena pelas tropas soviéticas. Em seguida, o país também foi ocupado pelas quatro potências ocidentais, e Viena, assim como Berlim, dividida em quatro setores de ocupação. Em 15 de maio de 1955, um tratado pôs fim à ocupação do país, possibilitando a reconstituição do Estado austríaco como Estado neutro e a criação da II República. A I República, que havia surgido do esfacelamento do antigo Império Austro-Húngaro em consequência da derrota na I Guerra Mundial em 1918, fora esmagada a 11 de março de 1938 com a invasão das tropas alemãs e a subsequente

---

<sup>85</sup>- WAGNER, Bernd: "Ein Jahrzehnt nach der Biermann-Ausbürgerung", In: Frankfurter Rundschau, 20.12.1986. (Citado segundo: Scherpe, Klaus & Winckler, Lutz: op.cit. p. 6).

<sup>86</sup>- Vide entre outros: GRUNENBERG, Antonia: "Das Unglück der Literatur", In: Die Zeit. Hamburg, 8.4.1994. Feuilleton - p.49-50; BOLLE, Willi: "À sombra do muro (anos 1960 a 1990)" (Posfácio), In: CARPEAUX, Otto Maria: *A literatura alemã*. São Paulo, Nova Alexandria, 1994. p. 313-327.

anexação da Áustria ao assim chamado III Reich alemão.<sup>87</sup> A anexação da Áustria foi o primeiro passo dado pelo regime nazista antes da invasão e desmembramento da Tchecoslováquia também em 1938 e da invasão da Polônia em 1939, que deu início à II Guerra Mundial.

Já em 1º de novembro de 1943, no Memorando de Moscou, os aliados haviam declarado a libertação da Áustria do jugo nazista como um de seus objetivos principais. A partir de então a Áustria entrou na categoria das nações-vítimas do III Reich, aliás como a primeira nação vítima da política expansionista do regime nazista. Embora conste no Memorando que a Áustria como participante da guerra ao lado da Alemanha deveria ser co-responsabilizada pelos crimes de guerra, a política austríaca do pós-guerra conseguiu enfatizar o status de vítima do nacional-socialismo e furtar-se à co-responsabilidade pelos crimes nazistas. Além disso, conseguiu fazer esquecer que a anexação ao III Reich foi saudada com júbilo pelo povo austríaco em 1938 e que o nacional-socialismo do ponto de vista histórico também foi um fenômeno austríaco. Ou seja, até a eleição de Kurt Waldheim como presidente da Áustria em 1986, que provocou um escândalo de repercussão internacional por sua participação comprovada em deportações de judeus da Iugoslávia na qualidade de oficial do exército nazista, o esquema da nação-vítima funcionou sem percalços, assim como o esquecimento coletivo do passado nazista<sup>88</sup>.

Tais questões delineadas acima vão determinar em grande medida a recepção da literatura de escritores austríacos e alemães no exílio na Áustria.

#### 4.1- Recepção da literatura em língua alemã do exílio na Áustria após 1945

É sintomático que existam poucas investigações sobre a recepção do exílio e da literatura em língua alemã do exílio na Áustria do pós-guerra. Sintomático porque corresponde em linhas gerais às considerações acima sobre o esquecimento coletivo, a não-admissão da co-responsabilidade do país pela expulsão de seus escritores e de tantos outros que tiveram que fugir e se exilar em outros países assim como pelos crimes cometidos pelos exércitos e tropas paramilitares nazistas. Existe no país uma única

---

87- BOTZ, Gerhard: "Der 'Anschluss' von 1938 als innerösterreichisches Problem"; STEININGER, Rolf: "Der Anschluss Österreichs - Stationen auf dem Weg zum März 1938"; GEHLER, Michael: "Der 'Anschluss' von 1938 und die internationalen Reaktionen", In: Aus Politik und Zeitgeschichte. Beilage zur Wochenzeitung Das Parlament. Editado por Bundeszentrale für politische Bildung. Bonn, B 9/88, 26 Fevereiro 1988.

88- WEHRSCHÜTZ, Christian: "Österreich nach dem Nationalsozialismus zwischen Opfertheorie und Antisemitismus. Dokumente zur Frage der Entschädigung von Juden", In: Neue Zürcher Zeitung, 13/14.Abril 1990. p.9.

instituição de pesquisa e documentação sobre o tema: o Dokumentationsarchiv österreichischen Widerstandes (Arquivo de Documentos da resistência austríaca) em Viena. Além disso, é importante observar que tais pesquisas são relativamente recentes.

Vários pesquisadores da literatura do exílio publicaram ensaios sobre a recepção das obras do exílio de alguns escritores, como por exemplo Oskar Jelinek, Hermann Broch, Johannes Urzidil, Fritz Hochwälder<sup>89</sup>, Stefan Zweig<sup>90</sup> e Leo Perutz<sup>91</sup>, mas nenhum deles realizou uma investigação exaustiva sobre a reintegração ou não da literatura de escritores austríacos exilados nem sobre a visão que a população austríaca tinha do exílio. Existem pouquíssimas investigações sobre o exílio na imprensa austríaca do pós-guerra e muito menos sobre eventuais rupturas ou continuidades no cânone literário após o desastre da II Guerra Mundial.

Aqui e ali encontram-se algumas observações que sugerem uma semelhança muito grande entre a situação da literatura em língua alemã do exílio na República Federal da Alemanha e na Áustria e ainda mais: que o desinteresse em relação a este legado literário foi muito maior na Áustria que na R.F.A. É importante assinalar neste contexto também que no caso austríaco o exílio tem duas fases: a primeira se inicia em 1933/1934 com a dissolução do parlamento, a guerra civil de 1934 e durante o estabelecimento da ditadura denominada austro-fascista e anti-comunista sob o governo do primeiro-ministro Engelbert Dollfuss, a segunda de caráter bem mais amplo ocorre a partir da anexação ao III Reich em 1938. Segundo Oliver Rathkolb, enquanto que a primeira fase do exílio teve uma motivação eminentemente política, a segunda vai ser bem mais abrangente atingindo não só os partidários do governo austro-fascista, como também e sobretudo os judeus austríacos.<sup>92</sup>

No tocante à questão do retorno dos exilados das áreas do conhecimento científico, literário e artístico, os pesquisadores Friedrich Stadler e Peter Weibel constataam:

"The *exodus of reason* in Austria has its own historic roots in anti-Semitism and the ideology of Austro-Fascism. This exodus had already

---

<sup>89</sup>- Vide: THIEBERGER, Richard: "Die unmögliche Heimkehr: Oskar Jelinek, Hermann Broch, Johannes Urzidil, Fritz Hochwälder", In: HOLZNER, Johann et alii (Org.): op.cit. p. 75-83.

<sup>90</sup>- Vide: ZELLEWITZ, Klaus: "Persona non grata. Stefan Zweig in Österreich nach 1945", In: HOLZNER, Johann et alii (Org.): op.cit. p. 385-392; RENOLDNER, Klaus: "Stefan Zweig and Austria", In: STADLER, Friedrich & WEIBEL, Peter (Org.): *Vertreibung der Vernunft. The cultural exodus from Austria*. Viena, Löcker Verlag, 1993. p. 241-245.

<sup>91</sup>- Vide: ECKERT, Brita: "...dass mich 'mein Herz' unaufhörlich 'nach Wien treibt'...Die vergeblichen Rückkehrversuche des Leo Perutz", In: KOEBNER, Thomas & ROTERMUND, Erwin: op.cit. p. 31-42.; MÜLLER, Hans-Harald: "'Ich bin für Europa ein vergotteter writer'. Zur Rezeption des Werkes von Leo Perutz in Deutschland und Österreich von 1945 bis 1960", In: SEVIN, Dieter: op.cit. p. 326-337.

<sup>92</sup>- RATHKOLB, Oliver: "The cultural exodus from Austria during the fascist period", In: STADLER, Friedrich & WEIBEL, Peter (Org.): op.cit. p. 28.

begun in 1933 and earlier and was not yet over in 1945. It continued in mitigated form. The Second Republic [a partir de 1945] failed to invite back any of those who had been banished. The losses that resulted from such a holocaust of the intellect have been enormous. The Second Republic has been unable to fill the vacuum left behind. Only a few, timid steps were taken to regret, or atone for, the crimes committed before 1938 and during World War 2, to mourn the victims or attempt reconciliation. Indeed, remigration and reconciliation were deliberately prevented by the politicians during the period of the Cold War, a period marked by a remarkable historical continuity in the personal make-up of its elites. And if all else failed, they at least succeeded in 'dragging on matters', as Robert Knight documented with protocols of the National Council of Ministers, in his book bearing the same title. In recent years, however, the process of democratization has been intensified in Austria. The thesis that Austria merely played the role of a victim has been called into question. (...) The over-zealous participation by Austrians in the crimes of National Socialism (e.g., Adolf Eichmann was an Austrian) is no longer systematically denied. Since the Waldheim affair, Austrian history can no longer be as easily disposed of as before."<sup>93</sup>

Johann Holzner por exemplo relata que no I Simpósio de Pesquisa do exílio austríaco, realizado em 1975 em Viena, todos os participantes se queixaram de que a literatura do exílio assim como o exílio em sua totalidade haviam sido não só esquecidos como também haviam se transformado em tabus. Um dos participantes, Viktor Suchy atacou o establishment universitário e os redatores das revistas literárias, culpando-os por não terem se empenhado por essa herança cultural e lutado contra o desinteresse do público em geral.<sup>94</sup> Note-se que o I Simpósio sobre a pesquisa do exílio só se realizou em 1975, ou seja, 30 anos após o fim da II Guerra Mundial. Holzner relata ainda que após 1975 a situação melhorou bastante com o repatriamento para arquivos austríacos dos espólios literários de escritores de renome, como Ödön von Hórváth, Manès Sperber e Erich Fried assim como com a publicação de uma série de trabalhos sobre os escritores do exílio. Menciona também o caso da renascença do poeta Theodor Kramer (1897-1958), um dos inúmeros casos de recepção tardia.

"Seria falso tirar deste caso conclusões amplas com vista à recepção da literatura do exílio na Áustria. Uma coisa no entanto pode ser constatada: a tendência de reintegração de posições que antes eram

---

<sup>93</sup>- STADLER, Friedrich & WEIBEL, Peter: "Editorial", In: *Vertreibung der Vernunft...* p. 8. O livro de Robert Knight mencionado na citação chama-se: "*Ich bin dafür, die Sache in die Länge zu ziehen*". *Die Wortprotokolle der österreichischen Bundesregierung von 1945 bis 1952 über die Entschädigung der Juden*. Frankfurt am Main, Athenäum Verlag, 1990.

<sup>94</sup>- HOLZNER, Johann: "Literatur im Zeichen des Faschismus - vermittelt in der zeitgenössischen österreichischen Literaturkritik", In: SEVIN, Dieter: op.cit. p. 339-347.

vistas com ceticismo (...) é crescente. E conseqüentemente escritores do exílio que antes eram personas non gratas serão reintegrados, o mais tardar depois de mortos. (...) Não se pode falar no entanto de um novo 'clima'. É difícil deixar de se suspeitar que só acontece a recepção daqueles exilados, com os quais se pode melhorar a imagem do país no exterior."<sup>95</sup>

Holzner cita aqui especificamente os casos do poeta Erich Fried e do escritor Manès Sperber.

Em seu trabalho sobre a recepção da literatura do exílio nas revistas literárias após 1945, Ursula Seeber-Weyrer constata que não havia interesse das editoras em publicar obras do exílio, e que só eram resenhadas por exemplo as obras de escritores de sucesso do período anterior à guerra, como Vicki Baum e Stefan Zweig, as obras de escritores que retornaram à Áustria e que se readaptaram à vida cultural, como Franz Theodor Csokor, Friedrich Torberg e Ernst Lothar<sup>96</sup>, obras de autores mais conservadores e patriotas como Felix Salten e por fim obras de autores católicos ou religiosos. As obras de autores de esquerda, segundo ela, não foram resenhadas, nem as de autores que permaneceram no exterior e muito menos as obras de escritores formalmente mais difíceis como Hermann Broch e Elias Canetti. Ursula Seeber-Weyrer aponta também um distanciamento enorme em relação à problemática do passado do país.<sup>97</sup> Pesquisando as estatísticas de empréstimo nas bibliotecas públicas entre 1945 e 1955, Ursula Seeber-Weyrer conclui que:

"realmente lidos foram os escritores anglo-americanos da literatura trivial e aqueles que permaneceram no país, em parte comprometidos moralmente."<sup>98</sup>

Concluo este capítulo citando o editor austríaco e ex-exilado Willy Verkauf-Verlon que faz um balanço pungente sobre o não retorno de tantos escritores e a não recepção de suas obras:

"Alguns anos após meu retorno abandonei a Áustria de novo, voltei, fui embora novamente, retornei mais uma vez, para ter que constatar de novo que muito pouco havia mudado. Os traumas do passado continuavam sob a superfície. (...) Não causa espanto portanto que muitos emigrantes que retornaram tenham abandonado a pátria de novo. É sintomático infelizmente e com certeza não contribui para o retorno de muitos, que ex-nazistas incorrigíveis, neo-nazistas e pan-germanistas inimigos da Áustria sejam qualificados até hoje pela imprensa escrita mentirosamente de 'grupos nacionalistas'. Quando durante o exílio era sempre dito e publicado que a Áustria seria uma

---

<sup>95</sup>- Id.Ibid. p. 341; p.343.

<sup>96</sup>- DAVIAU, Donald G. & JOHNS, Jorun B.: "Ernst Lothar", In: HOLZNER, Johann et alii (Org.): op.cit. p. 323-352.

<sup>97</sup>- SEEBER-WEYRER, Ursula: ""Die Zeit im Buch". Österreichische Exilliteratur in Rezensionen nach 1945", In: HOLZNER, Johann et alii (Org.): op.cit. p. 139-149.

<sup>98</sup>- Id.Ibid. p. 149.

vítima inocente do nazismo alemão, isso decorria em parte de uma idéia fantasiosa que não se coadunava muito com a realidade. Mas esta lenda da vítima (...) acabou servindo depois da libertação de 1945 como pretexto para grande parte da população e dos políticos austríacos para que a culpa fosse relegada ao esquecimento cada vez mais, e também para o encobrimento da verdade histórica. O ano da recordação de 1988 e os anos anteriores a este contribuíram bastante para muitos se darem conta, de que uma Áustria livre, independente, democrática, antifascista e neutra só pode ter um futuro se se reconciliar com a verdade histórica. Graças a uma nova geração de austríacos, a maior parte contando de 20 a 50 anos, voltei definitivamente a minha pátria após mais de 50 anos de emigração."<sup>99</sup>

Pelo exposto acima, pode-se ao menos concluir que a literatura em língua alemã do exílio não foi reintegrada ao cânone literário na Áustria e que sua recepção praticamente não ocorreu. Além disso, é possível afirmar ainda que, ressaltando-se a deficiência de fontes, que tanto o exílio quanto sua literatura foram pelo menos até 1975 amplamente relegados ao esquecimento e não tematizados.<sup>100</sup> Contrapondo-se a essa tendência é importante citar aqui a fundação da Theodor Kramer Gesellschaft (Sociedade Theodor Kramer) em 1984 e a publicação ininterrupta desde então da revista “Zwischenwelt – Literatur – Widerstand – Exil” (Entre mundos – Literatura – Resistência – Exílio). Além dessa Sociedade, foi criada em 2004 a Österreichische Gesellschaft für Exilforschung (Sociedade austríaca de pesquisa do exílio), com sede em Viena. A Sociedade tem realizado nos últimos anos eventos, congressos, colóquios e exposições em torno do tema do exílio.

##### **5- O esquecimento, a não recepção assim como a apropriação seletiva do legado histórico da literatura do exílio ensejaram um empobrecimento das literaturas alemãs do pós-guerra ou não?**

No caso da extinta República Democrática Alemã a resposta, apesar de várias ressalvas, é não. O empobrecimento seria em outra área, sobretudo no caso da não apropriação dos clássicos da modernidade. Mas isso é outra história. Se a reunificação vai agora propiciar uma maior recepção da literatura do exílio na República Federal da Alemanha ou não, é uma questão que ainda não pode ser respondida.

---

<sup>99</sup>- VERKAUF-VERLON, Willy: "Heimkehrprobleme in Palästina und Israel. Stationen der Emigration, Immigration und Rückkehr", In: HOLZNER, Johann et alii (Org.): op.cit. p. 108.

<sup>100</sup> - Ver: KAISER, Konstantin. „Die nicht gefragt wurde. Österreich und seine Exilliteratur“, In: Das Magazin. [Por encomenda do Ministério para Ciência, Pesquisa e Arte da Áustria] 1995. p. 34-35.

**Nos casos da República Federal da Alemanha e da Áustria esta questão tem que ser respondida com um sim. A questão do exílio e do passado nazista ainda pairam no horizonte destes países exatamente porque não foram abordadas e elaboradas na época histórica adequada, ou seja, no pós-guerra. Quanto à literatura do exílio, esta continua existindo em grande parte somente em bibliotecas modorrentas, em arquivos embolorados, na memória dos poucos ex-exilados que ainda vivem e através do trabalho de divulgação de uns poucos pesquisadores. A outra elaboração da realidade, produto da pena de autoras e autores, que acreditavam estar representando uma "outra Alemanha" ainda não recebeu totalmente a atenção do público para o qual foi escrita. Será um dia?**

**"Os últimos". (Hans Sahl- poeta e escritor alemão que também se exilou nos EUA)<sup>101</sup>**

**Nós somos os últimos  
Interrogai-nos.  
Nós temos a competência.  
Carregamos as fichas de arquivo  
com as cartazes de procura-se de nossos amigos  
como um tabuleiro de vendedor ambulante.  
Institutos de pesquisa se candidatam a obter**

---

<sup>101</sup> Hans Sahl (1902-1993)- Poeta e escritor. Só retornou definitivamente a Alemanha em 1989. Sua tentativa de retorno nos anos 50 não foi bem sucedida.

**as contas de lavanderia dos desaparecidos,  
Museus guardam os verbetes de nossa agonia  
como se fossem relíquias por trás de vitrines.  
Nós, que desperdiçamos o nosso tempo,  
por razões óbvias,  
tornamo-nos mascates do inconcebível.  
Nosso destino foi tombado pelo patrimônio histórico.  
Nosso melhor cliente é  
o remorso da posteridade.  
Peguem, sirvam-se.  
Nós somos os últimos.  
Interrogai-nos.  
Nós temos a competência."<sup>102</sup>**

**„Aos que vão nascer“ (Bertolt Brecht) - 1938**

**É verdade, vivo em tempos sombrios  
A palavra ingênua é uma insensatez. Uma testa sem rugas  
indica insensibilidade. Ri só aquele  
que ainda não recebeu a terrível notícia.**

**Que tempos são estes, nos quais  
falar sobre árvores é quase um crime  
porque implica silenciar sobre tantas atrocidades!  
Será que aquele que ali caminha tranqüilamente pela rua  
tornou-se inacessível para seus amigos  
que passam necessidade?**

**É verdade: ainda ganho meu sustento  
Mas crede em mim: isto é por acaso. Nada  
do que faço me autoriza a me faltar de comer.  
Por acaso fui poupado. (Quando minha sorte acabar,  
estou perdido).**

**Dizem-me: Coma e beba! Contente-te por terdes.  
Porém, como posso comer e beber, se  
arranco do faminto o que como, e**

---

<sup>102</sup>- SAHL, Hans: "Die Letzten", In: Deutsche Literatur im Exil 1933-1945. Texte und Dokumente. Org. por Michael Winkler. Stuttgart: Reclam 1977. p. 15. Vide também: ERENZ, Benedikt: "Zum Tode von Hans Sahl. 'Alles was Europa war'", In: Die Zeit. Feuilleton. Hamburg, 30 de abril de 1993, p. 25.

**meu copo d'água falta a um sedento?  
E no entanto como e bebo.**

**Eu gostaria também de ser sábio.  
Nos livros antigos está escrito o que é ser sábio:  
Manter-se afastado dos conflitos do mundo e passar o breve  
tempo sem receio  
Também poder viver sem violência  
Retribuir o mal com o bem  
Não satisfazer os desejos, mas sim esquecê-los  
é considerado sabedoria.  
Tudo isso que eu não consigo:  
realmente, vivo em tempos sombrios!**

## **II**

**Cheguei às cidades no tempo da desordem  
Quando a fome imperava.  
Cheguei entre os homens na época da revolta  
e me revoltei com eles.  
Assim passei o tempo  
que me foi concedido na terra.**

**Comi minhas refeições entre as batalhas  
Deitei-me entre os assassinos  
Cultivei o amor negligentemente  
E vi a natureza sem paciência  
Assim passei o tempo  
que me foi concedido na terra.**

**No meu tempo os caminhos conduziam ao pântano.  
O idioma me denunciava ao carniceiro.  
Pude pouco. Mas os poderosos  
mantinham-se no poder mais seguros sem mim,  
assim eu esperava.  
Assim passei o tempo  
que me foi concedido na terra.**

**As forças eram escassas. A meta  
estava à grande distância.  
Era claramente visível, ainda que para mim  
quase inalcançável.  
Assim passei o tempo  
que me foi concedido na terra.**

## **III**

**Vós, que emergireis do turbilhão da enchente  
no qual nós afundamos  
Lembraí-vos também  
quando falardes de nossas fraquezas  
do tempo sombrio  
do qual escapastes.**

**Nós porém que íamos trocando de países  
mais freqüentemente que de sapatos  
através das guerras de classes, desesperados  
quando lá havia tão somente injustiça e nenhuma revolta.**

**Entretanto sabemos:  
também o ódio contra a baixeza  
deforma as feições.  
Também a ira contra a injustiça  
enrouquece a voz. Ah, nós  
que queríamos preparar o terreno para a fraternidade  
não pudemos ser fraternos.**

**Vós, porém, quando chegar a hora  
de os homens se ajudarem uns aos outros  
Lembraí-vos de nós  
com indulgência.<sup>103</sup>**

---

<sup>103</sup> - O poema foi escrito na Dinamarca em 1938 e publicado originalmente na coletânea *Svendborger Gedichte* em 1939 naquele país. Ver: FURTADO KESTLER, Izabela Maria. „Estudo sobre Bertolt Brecht (1898-1956)“, In: Boletim Inter-Cultural da Associação de Professores de Alemão do Rio de Janeiro. Ano 3, Nr.12, abril/maio/junho de 1996. p.8-9.

